

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física

IVAN CANDIDO DE SOUZA

**HIP HOP E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
POSSIBILIDADES DE NOVAS TEMATIZAÇÕES**

**São Paulo
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física

IVAN CANDIDO DE SOUZA

HIP HOP E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE NOVAS TEMATIZAÇÕES

Dissertação apresentada à banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação Física, vinculado ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* – Mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.

Área de concentração: Atividade Física, Esporte e Saúde.

Linha de Pesquisa: Bases psicológicas e pedagógicas da Educação Física e do Esporte.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo

São Paulo
2010

Souza, Ivan Candido de

Hip hop e educação física escolar: possibilidades de novas tematizações / Ivan Candido de Souza. - São Paulo, 2010.

109 f. ; 30 cm

Orientador: Vilma Lení Nista-Piccolo

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.

1. Rap (Música). 2. Educação física (Ensino fundamental). I. Nista-Piccolo, Vilma Lení.

II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação

Física III. Título

CDD – 796.07

AGRADECIMENTOS

Neste momento é difícil lembrar todos aqueles que contribuíram para que este estudo pudesse ser realizado. O processo de construção desta dissertação não começou há dois anos e dois meses quando ingressei como aluno regular no mestrado. Começou bem antes. Ainda no segundo semestre do curso de licenciatura em Educação Física na Unicid durante uma AACC ministrada pelo professor Edivaldo Góis – Góis assim mesmo, com “i”. Naquele dia, naquela sala, resolvi que deveria cursar o mestrado e ministrar aulas no ensino superior. Hoje, ministro aulas no ensino superior e estou prestes a conquistar o título de mestre. Mas, como tudo na vida, não saí do sonho arquitetado em 2004 para a sua realização neste início de 2010. Houve um processo enriquecido por pessoas maravilhosas. Certamente não me lembrarei de todas, mas se você sente-se importante em minha vida, sinta-se abraçado.

Primeiro agradeço a Deus por me dar forças em todos os momentos, por eu ter sentido que ele está de mãos dadas comigo – como se estivesse me guiando – nos momentos mais difíceis.

Agradeço aos meus pais – Rosa e Paulo - pela criação que tive. Ela foi a responsável pela construção do caráter e força de vontade, características essenciais para aqueles que lutam por seus sonhos.

Agradeço ao corpo docente da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, em especial aos professores Dr. Edivaldo Góis Junior por ser um dos principais arquitetos de um sonho e ao Ms. Laércio Lório por me ensinar que o fazer acadêmico é essencialmente humano.

Agradeço ao corpo docente do programa de pós graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, em especial às professoras Dr^a. Maria Luiza de Jesus Miranda por estender sua mão com toda paciência do mundo em um momento de extrema dificuldade e à Dr^a Marília Velardi por ser fundamental no meu processo de maturação científica.

Agradeço aos amigos Raquel, Julio, Gi, Mult, Wagner e Neguinho por serem os amigos de todas as horas e todas as cocas. À Luciene e Alessandra as melhores amigas epistemológicas que alguém poderia ter. Ao Leonardo, único amigo dos tempos de Unicid, ótimo conselheiro apesar de nos falarmos pouco. Ao Brocotó, Leopércio, Fabio, Elisangela, Ari e Dimitri pelas amizades construídas durante o mestrado, agradeço pela aprendizagem no “*vadios*”, no “*lábios*” e em todos os outros locais por onde passamos. Aos amigos do GEPEFE, um grupo no qual ingressei nos primeiros encontros em 2005 na Unicid, e hoje após cinco anos, o vejo tomar corpo como um grupo de pesquisa a ser respeitado. À Elizete, diretora da escola na qual trabalho pela paciência e sábios conselhos. À minha namorada – Márcia - pela trajetória que estamos construindo.

Finalmente, à Vilma Nista-Piccolo professora na licenciatura, professora no mestrado, orientadora, responsável pelas caronas entre a Unicid e a São Judas, responsável por pagar o almoço quando eu tinha dinheiro no bolso apenas para pagar o ônibus. Certamente muitos orientandos externaram o sentimento de agradecimento à senhora, de muitas maneiras, com muitos presentes. Não me vejo em condições de fazer algo para te tocar como eles, mas saiba que a senhora é a grande responsável pela minha trajetória de vida. Tenho em ti uma amiga da qual sempre falarei a todos, tenho em mim o teu legado, a tua luta. Obrigado por me mostrar o caminho respeitando minhas características.

Quando digo que Deus segura minhas mãos e me guia, a textura de sua mão é parecida com a dele.

EPÍGRAFE

Tem que acreditar...

Desde cedo a mãe da gente fala assim:

Filho por você ser preto

Você tem que ser duas vezes melhor

Aí¹ passado alguns anos eu pensei:

Como fazer duas vezes melhor?

Se você ta pelo menos cem vezes atrasado.

Pela escravidão, pela história, pelo preconceito.

Pelos trauma, pelas psicose, por tudo que aconteceu...

Duas vezes melhor como?

Ou você é o melhor ou é o pior de uma vez. Sempre foi assim!

Se você vai escolher o que estiver mais perto de você, é o que tiver ali na sua
realidade.

Você vai ser duas vezes melhor como?

Quem inventou isso aí?

Quem foi o pilantra que inventou isso aí?

Acorda pa vida rapaz!²

¹ Abri mão da utilização do *sic*. Na gíria da rua não têm análise sintática (XIS, Mc brasileiro)

² Introdução da música “A vida é desafio” extraído do DVD 1000 Trutas 1000 Tretas, Selo Negro, 2006.

RESUMO

O Hip Hop é uma manifestação cultural que surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1960, exercendo forte influência por meio de seus elementos na formação de jovens que engendraram o contexto no qual ele se propagou.

Esse estudo conta a trajetória do Hip Hop no Brasil e no mundo além de analisar a sua presença no meio escolar, como parte do componente curricular da Educação Física, a partir do seguinte problema de pesquisa: o Hip Hop aparece como uma temática nas respostas dos professores de Educação Física que atuam em escolas, quando esses são inquiridos acerca das práticas pedagógicas adotadas em suas aulas?

A presente pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa do tipo descritiva, conforme Gil (1999). A coleta de dados se deu por meio de um questionário aplicados nas escolas da Diretoria de Ensino da Região Centro Sul que é composta por 72 escolas, neste universo 68 escolas são voltadas para o ensino fundamental, foram coletadas as respostas de 67 professores que correspondem a 53 escolas diferentes. A análise ocorreu nos moldes preconizados por Bardin (2007), com a identificação das Unidades de Registro, formatando Unidades de Contexto, transformadas em Categorias. Como resultado foi constatado que alguns professores abordam temáticas em suas aulas que sugerem o trato pedagógico com o Hip Hop, pois declaram temas nos quais ele pode ser desenvolvido. Por outro lado, apenas dois o citaram como Street Dance, terminologia adotada pela proposta curricular do estado de São Paulo.

Os resultados indicam uma diversificação das temáticas abordadas pelos professores em suas aulas, fato que pode apontar para uma nova direção nas pesquisas que tratam da Educação Física escolar. Ou seja, ao menos no discurso, os professores afirmam trabalhar com temas ligados a cultura corporal de movimento.

Não é possível afirmar que o Hip Hop é desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar, de acordo com as respostas dos professores que geraram as unidades de contexto. Mas, o fato dos professores abordarem em suas aulas temas em que o Hip Hop possa estar presente, nos permite vislumbrar essa possibilidade.

Palavras Chave: Hip Hop, Educação Física escolar, Educação Física

ABSTRACT

Hip Hop is a cultural manifestation originated in The United States in the late 60's, it strongly influenced young people engendering the context in which it has spread.

This study tells Hip Hop trajectory in Brazil and world wide, moreover it analyses hip hop in school as part of Physical Education curricular component, from the following research issue: does Hip Hop appears as a thematic in the Physical Education teachers answers working in schools, when these are inquired about the pedagogical practice used in their classes?

The current research presents itself as a descriptive qualitative approach study, according to Gil (1999).The data collecting was done by means of a questionnaire applied to Physical Education teachers working in the south center area Teaching Directory. The analysis occurred according to Bardin (2007) preconized molds, identifying the Register Units, formatting the Context Units, transformed into categories. As a result it was found that some teachers approach thematics in their classes suggesting the pedagogical treatment of Hip Hop, presenting issues in which it may be developed. On the other hand, only two pointed Street Dance, terminology adopted by the curricular proposal in São Paulo state.

Key Words: Hip Hop, School Physical Education, Physical Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Unidade de Contexto 1 – Dança e Atividades Rítmicas.	p. 57
Quadro 2: Unidade de Contexto 2 – Aspectos Socioculturais.	p. 63
Quadro 3: Unidade de Contexto 3 – Documentos Oficiais.	p. 65
Quadro 4: Unidade de Contexto 4 – Hip Hop como Street Dance.	p. 67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Giro de Cabeça	p. 03
Figura 2 Moinho de Vento	p. 04
Figura 3 Mestre de Cerimônia (MC)	p. 05
Figura 4 Disc Jôquei (DJ)	p. 05
Figura 5 Break Boy (B.boy)	p. 06
Figura 6 Grafite	p. 06
Figura 7 Top Rock	p. 40
Figura 8 Foot Work	p. 40
Figura 9 Freezee	p. 41

SUMÁRIO

Introdução	p. 03
1. Contextualização do Hip Hop	p. 12
• O Hip Hop pelo mundo	p. 14
• O Hip Hop no Brasil	p.19
2. Hip Hop e Educação Física escolar: primeiras aproximações	p. 32
• Temas e conteúdos na Educação Física escolar: a possibilidade de novas tematizações.	p. 37
• Cultura Corporal de Movimento e Educação Física Escolar	p. 43
3. Procedimentos Metodológicos	p. 50
• População e Amostra	p. 50
• Análise dos dados	p. 54
• Resultados e discussões	p. 68
4. Considerações Finais	p. 71
5. Referências Bibliográficas	p. 75
6. Anexos	p. 84

INTRODUÇÃO

O Hip Hop é uma manifestação cultural que surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1960, exercendo forte influência na formação de jovens que engendraram o contexto no qual ele se propagou. Logo depois essa manifestação cultural se espalhou pelo mundo, reservando aos seus adeptos uma formação crítica que valoriza a ancestralidade dos povos oprimidos e a luta pela validação dos seus valores frente à cultura dominante.

No Brasil não foi diferente. Em meados da década de 1980 a dança de rua chegou ao país pelas mãos daqueles que tinham condições de viajar para os Estados Unidos e trazer para o nosso país, discos, imagens, sons e, principalmente, passos de dança (ROCHA et al, 2001). Segundo essas autoras tais movimentações apresentavam diferentes inspirações: a revolução tecnológica expressa por meio dos *robotics*; ou a alusão feita à Guerra do Vietnã que pode ser percebida no Giro de Cabeça – que lembra o movimento da Hélice de um Helicóptero (figura 1) ou o moinho de vento que remete aos tanques de guerra (figura 2).



Figura 1 Giro de Cabeça Fonte: Google



Figura 2 Moinho de Vento Fonte: www.mastercrews.com.br

Embora nos Estados Unidos a criticidade do Hip Hop tenha se consolidado na década de 1980 (ROSE, 1994), quando o Hip Hop chegou ao Brasil não apresentava essas características. Os movimentos apresentados anteriormente eram reproduzidos por aqui como práticas de lazer e diversão, longe das finalidades almeçadas em sua pátria mãe.

Com o passar dos anos, o Hip Hop foi submetido a mudanças diferenciando-se daquele reproduzido em meados da década de 1980. O marco histórico dessa mudança foi o álbum *“Sobrevivendo no Inferno”* do grupo Racionais Mcs, em 1997.

Este disco deflagrou um novo boom do Hip Hop nacional. Mas, diferente do que ocorreu em momentos anteriores, este novo Hip Hop emergiu de modo crítico, dialogando com os valores ideológicos adotados nos Estados Unidos.

Três manifestações artísticas compõem a base que expressa a ideologia que permeia o Hip Hop. São elas a dança, a música e as artes plásticas. Essas manifestações ganham corpo por meio dos quatro elementos presentes nessa manifestação cultural, que são: o Mestre de Cerimônia (MC) que é o responsável pela transmissão das mensagens por meio da oralidade;



Figura 3 Mestre de Cerimônia Fonte: Google

o Disc Jôquei (DJ) que tem como principal objetivo criar e recriar as músicas de origem étnica negra;



Figura 4 Disc Jôquei (DJ) Fonte: Google

o Breaking Boy (B.boy), cujo termo tem origem nas antigas festas de Hip Hop chamadas de Blockie Parties, onde havia garotos que marcavam seus passos de dança na quebra da música, ou seja, no break da música, sendo que paulatinamente esses garotos passaram a ser chamados de B.boys;



Figura 5 Break Boy (B.boy) Fonte: www.mastercrews.com.br

e o último elemento da cultura Hip Hop, trata-se do grafite que utiliza das artes visuais para difundir os ideais incutidos no ideário das pessoas integradas à manifestação cultural em questão.



Figura 6 Grafite Fonte: Acervo do Autor

Com letras entrelaçadas de difícil entendimento os grafiteiros externam sua realidade em muros de grandes centros urbanos como forma de arte engajada. Cabe salientar que grafite e pichação são manifestações culturais distintas.

Portanto, os elementos apresentados, MC, DJ, B.boy e Grafite compõem as manifestações artísticas que permeiam o universo do Hip Hop.

O lugar do Hip Hop era na periferia. Ali jovens e adultos passaram a se organizar em torno de um ideal: reconhecer-se como pessoas por terem sido marginalizadas durante o processo de desenvolvimento do país, e se agruparem em torno de um objetivo comum expressando-se por meio dos 4 elementos, tornando o Hip Hop uma arte engajada politicamente (SILVA, 1999).

Assim, o B.boy/B.girl, é o garoto, ou a garota, que dançam no Break (daí o B.) da música e se expressam por uma dança diferenciada. O Grafiteiro expõe suas artes plásticas, principalmente pelas pinturas em muros e galerias das grandes cidades. A junção do MC com o DJ culminou na criação do Rap *Rythym and Poetry* que externaliza pela oralidade os valores e anseios da comunidade da qual fazem parte.

No início dos anos 2000 tive a oportunidade de me aproximar dos meandros da cultura Hip Hop, sendo o Break a porta de acesso. Rapidamente percebi nos treinos que havia um clima diferente nos movimentos realizados. Não tinha condições de avaliar o significado dessa movimentação, mas percebi que eles transmitiam mensagens.

Para entender melhor aqueles sinais passei a me dedicar mais ao Rap, pois a oralidade reserva atalhos na compreensão de nuances histórica e contemporânea. A linguagem corporal ou as artes plásticas expressas no grafite me forneciam pistas, mas o aprofundamento se deu pelas letras de Rap.

Percebi em poucos meses que minha visão de mundo estava mudando. Eu estava mais crítico e mais curioso. Comecei a assistir e ler jornais com mais interesse, passei a me dedicar aos problemas da comunidade. Nessa época, era aluno do ensino médio em uma escola pública da periferia de São Paulo, mais especificamente de Guaianazes, Zona Leste.

A escola não perdeu valor para mim. No entanto, eu passei a percebê-la como um veículo que atendia aos interesses dos outros e não unicamente aos nossos. Pouco a pouco percebi que o Hip Hop estava embasando minha formação.

Essa formação me conduziu ao curso de licenciatura em Educação Física. No início, meu interesse era obter o diploma para poder ministrar aulas de Break em Organizações não Governamentais, academias e clubes, fato que Walderramas (2009) identificou como comum entre os adeptos do Hip Hop que ingressam no curso de Educação Física. Não queria perder o vínculo com o Hip Hop. Ele me levou à Universidade e eu o levaria comigo, para transmitir a outras pessoas o que ele me propiciou.

Em pouco tempo, percebi que há um lugar melhor para a manifestação e construção de diálogos sobre os aspectos constituintes do Hip Hop, a escola.

Naquele momento percebia que o Hip Hop configurava-se como um espaço de formação não-formal (GOHN, 2007). E que seus valores representavam a possibilidade da construção de uma nova leitura da história do Brasil, de conhecer e valorizar novas produções artísticas e, principalmente, a possibilidade de ofertar ao educando novas vivências motríceas dotadas de sentido, ou seja, de acordo com o léxico, de uma manifestação cultural politicamente engajada.

Há no meio acadêmico-científico publicações que aproximam o Hip Hop do meio educacional formal. Nesse sentido merece destaque o livro “Rap e

Educação Rap é Educação” organizado pela professora Elaine Nunes de Andrade, publicado pela editora Selo Negro (1999). Dois capítulos deste livro “*Rap na sala de aula*” e “*Rapensando os PCN’s*” foram dedicados aos relatos de experiências desenvolvidas em sala de aula.

A Educação Física, principalmente em sua nuance dedicada à escola, oportuniza a adoção de novas temáticas que podem emergir do contexto vivencial dos educandos. Assim, o Hip Hop passa a figurar em algumas iniciativas voltadas à re-significação das temáticas abordadas na escola. Vargas (2005) apresenta um relato de experiência acerca de um projeto desenvolvido numa escola carioca. Os Estados do Paraná (2006) e de São Paulo (2008) têm documentos oficiais de propostas de atividades físicas para a escola, nos quais dedicam espaço à adoção do Hip Hop para a etapa final do ensino fundamental e ensino médio.

Se o Hip Hop é uma manifestação cultural que exerce certa influência na formação de jovens moradores das periferias de grandes centros, pode, portanto, ser levada para dentro dos muros da escola.

O desejo de transformar o Hip Hop, especificamente o Break, em temática a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física na escola foi se consolidando ao longo da minha formação. Diversos autores corroboram minhas expectativas apoiando ou sugerindo atividades que possam valorizar a cultura dos alunos, entre eles se destacam: Daolio (1995), Kunz (1994) e Betti (1994).

Esses autores compuseram a base da construção do meu trabalho de conclusão do curso da graduação, que tinha como mote central a formação dos sujeitos praticantes do Hip Hop. Perguntava-me: como se dá o processo de introdução desses sujeitos nessa prática? Quais dificuldades as pessoas que se

interessam por essa manifestação cultural encontram para encarnar os valores a ela pertencentes?

A construção do trabalho (SOUZA, 2006) revelou algumas particularidades no processo de inserção de alguns sujeitos nos meandros da cultura Hip Hop. Particularmente, o estudo destacou o discurso de uma pessoa, ao citar a escola sobre seu processo de inserção ao Hip Hop.

As pessoas que ele conheceu em sua nova escola também grafitavam entre eles se destacava um, com o qual criou uma “richa” para ver quem grafitava melhor. Os dois também se interessavam pela dança, interesse este aguçado nas aulas de Educação Física onde imitavam movimentos que observavam em uma revista. (SOUZA, 2006 p.19)

Esse discurso transformou-se em gatilho para a elaboração da presente pesquisa. Angustiava-me saber que o Hip Hop se fazia presente no meio escolar, no espaço destinado a Educação Física, mas não era reconhecido como temática. Isso significa que para imitar movimentos do Break os estudantes precisam se afastar da aula.

Além do gatilho supracitado outras nuances fortaleceram a criação desse trabalho, como diferentes publicações, por exemplo, Andrade (1999) Alves (2004) e Paz Tella (1999) as quais apontam o Hip Hop como uma prática comum entre jovens, principalmente nos grandes centros urbanos.

O Hip Hop aparece em dois documentos oficiais destinados à elaboração das aulas de Educação Física - trata-se da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008) e do Livro Didático de Educação Física (PARANÁ, 2006), desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação do estado do Paraná. Mesmo assim, com o Hip Hop exposto nos documentos oficiais, interessava-me saber se os professores adotavam essa temática em suas aulas, ou ao menos temáticas que sugerissem o aparecimento do Hip Hop entre as práticas desenvolvidas. Nesse sentido elaborei o seguinte problema de pesquisa: O Hip Hop

aparece como temática nas respostas dos professores de Educação Física que atuam em escolas, quando esses são inquiridos acerca das práticas pedagógicas adotadas em suas aulas?

A partir de questionários entregues aos professores dessa disciplina nas escolas da rede estadual, pertencentes à Diretoria Centro-Sul da cidade de São Paulo, as respostas foram analisadas seguindo os procedimentos ensinados por Bardin (2007), numa abordagem qualitativa.

O olhar para essas informações possibilitou uma leitura das temáticas abordadas pelos professores em suas aulas. Nota-se que houve alterações nas temáticas adotadas pelos docentes no universo pesquisado, pois o esporte não apareceu como tema majoritário nas análises dos questionários.

No entanto, foi possível notar que não há domínio dos professores em relação à conceituação de temas e conteúdos na Educação Física escolar, propiciando minha interpretação sobre essa questão no decorrer desse texto.

Nos relatos dos professores observou-se que o Hip Hop pode ser um elemento da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas, conforme os ditames expostos pelas publicações que apresentam o eixo temático da Educação Física escolar: jogo, esporte, dança, luta, ginástica. Entendendo essa manifestação como uma prática pedagógica que se dá como aspectos sócio culturais, além da adoção dos documentos oficiais da Secretaria de Educação que foram apontados por alguns professores como temas/conteúdos adotados em suas aulas.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO HIP HOP

A expressão Hip Hop foi proferida por Afrika Bambaataa, no ano de 1968, no Bronx, periferia de Nova Iorque. Ao pé da letra essa expressão significa: *movimentar os quadris (to hip, em inglês e saltar to hop)*. (ROCHA et al. 2001). O Hip Hop não é uma simples expressão oriunda dos guetos norte americanos. Com o passar dos anos esta prática social foi transformada numa manifestação cultural politicamente engajada. A oficialização desse fato ocorreu na década de 1970:

No dia 12 de novembro de 1974, um ano depois do nascimento da Internacional Zulu Nation, que é a maior organização de Hip Hop no mundo e foi fundada pelo fantástico Afrika Bambaataa, que também criou o termo Hip Hop em 1968 para descrever o movimento de “balançar os quadris” durante a dança. (ALVES, 2004 p.22)

Na esfera dos estudos sociais e antropológicos, o Hip Hop, como afirma Silva (1999), foi concebido como manifestação artístico-política de um momento de transição da metrópole nova-iorquina. Já os sujeitos, praticantes dessa arte, que transformaram as significações do Hip Hop em filosofia de vida o conceituam como cultura de rua, cuja estrutura baseia-se em quatro elementos que serão destacados em outro ponto do texto.

Pode-se dizer que o Hip Hop tem uma origem jamaicana, não que ele tenha sido criado em território jamaicano e importado aos Estados Unidos. Na verdade, a população que habitava a periferia norte-americana, em especial o Bronx, bairro onde o Hip Hop nasceu, era em grande parte formada por imigrantes oriundos da América Central, dentre eles podemos destacar o nome de Kool Herc. Quando migrou para os Estados Unidos Kool Herc, DJ nascido na Jamaica levou consigo a *cultura das disco-mobiles* (ALVES, 2004 p.10). Ele organizava festas que se tornaram famosas naquela região, e algumas pessoas passaram a se dedicar à

produção e transformação dessas festas, tornando-as um grande ponto de encontro. Grand Máster Flash, DJ que aperfeiçoou as técnicas desenvolvidas por Kool Herc e Afrika Bambaataa, MC responsável pela organização política do Hip Hop na periferia nova iorquina, merecem destaque especial nesse contexto.

No fim da década de 1960, as pessoas que possibilitavam o desenvolvimento da cultura Hip Hop passaram a chamar essas festas de Block Parties – festas de quarteirão – que tinham como objetivo: a valorização da cultura negra e hispânica, que segundo Andrade (1999), representavam a maioria nesse bairro, o qual é considerado o berço da Cultura Hip Hop.

Afrika Bambaataa, um dos idealizadores do Hip Hop, almejava o fim dos conflitos que havia naquele bairro, e para ele existiam duas formas disso ocorrer. A primeira seria a conscientização acerca da realidade que os envolvia. Bambaataa voltou seu olhar, principalmente, aos conflitos existentes no Bronx, que, na maioria das vezes, eram entre os próprios negros que habitavam aquele bairro. Para ele, a conscientização poderia levar os jovens a refletirem sobre as suas próprias ações. A segunda opção seria transferir as energias dos conflitos para as apresentações no palco, ou nas rodas de dança, assim, definindo um papel para cada elemento dentro das Block Parties.

As bases que propiciaram o desenvolvimento da cultura Hip Hop rapidamente foram espalhados pelo mundo. Mesmo tendo seu marco inicial no Bronx, bairro de New York, é interessante notar como esses valores foram re-significados em outros lugares do mundo.

O HIP HOP PELO MUNDO

Broder (2006) constrói um interessante diálogo entre o Hip Hop e as premissas da cultura japonesa. É interessante notar o modo como o Hip Hop destaca-se nesse contexto que, historicamente não foi marcado pela diáspora negra, presente na maioria dos países nos quais o Hip Hop foi desenvolvido.

Como no Brasil, o Hip Hop começou a ganhar destaque em meados da década de 1980 em território japonês, conforme revelam suas produções:

[...] um fenômeno obscuro da rua encontrado no recolhimento público de espaços tais como Hotoken, de Harajuku, em uma forma de arte complexa, transnacional onde as identidades e os formulários novos da arte estejam atuando em clubes, galerias de arte, e nas ruas de centros urbanos japoneses como: de Tokyo, Yokohama e Osaka. (BRODER, 2006 p.39)³

O termo fenômeno escuro não soa de maneira estranha para nós. Como é sabido, os elementos do Hip Hop utilizam uma linguagem que se distancia dos códigos formalmente utilizados. A construção de símbolos se dá de modo particular em diferentes contextos. Jovens residentes em centros urbanos japoneses como Tokyo e Osaka sofreram influência de uma manifestação oriunda de outro continente, mas, o lócus da manifestação manteve-se: a criticidade ao modo de vida estabelecido naquela região.

Engel (2001) utiliza termos parecidos para dissertar sobre o Hip Hop em Copenhague, na Dinamarca. A presente autora realiza um estudo à luz dos pressupostos elaborados pelo sociólogo Marcel Mauss, no qual a dança presente no contexto da cultura Hip Hop é analisada sobre o prisma das Técnicas Corporais. Nesse estudo, a autora constrói argumentos que expõem a dança presente nos meandros da cultura Hip Hop como uma manifestação de Street Dance. No Brasil podemos elencar uma série de diferenças entre o Street Dance e o Break. No

³ Tradução livre do autor.

entanto, ao analisar um documento científico sobre uma manifestação cultural propagada por diferentes localidades do mundo é necessário nos atentar às diferenças culturais existentes de região para região, pois, as particularidades regionais reservam características indescritíveis em um documento científico. Os meios relatados para a apropriação dos valores presentes na “dança Hip Hop” – como é chamada no artigo – são as diferentes mídias. Nesse ponto, destacam-se os vídeos e os programas de televisão relacionados ao tema.

No início o grupo tinha participantes com idades entre 16 e 22 anos: Marca, Micky, Søren, e Nik. Todos eram meninos, ou assim que apresentaram-se, embora eu constatasse mais tarde que Micky era uma menina vestida e que se move como um menino. Eram completamente inexperientes quando eu os encontrei primeiramente mas estavam ansiosos para dançar tanto o quanto fosse possível. No começo sua técnica não era boa, mas começaram a copiar os movimentos que viam na MTV, com o treinamento duro e muito bem executado eles tornaram-se muito bons (ENGEL, 2001 p. 352).⁴

Percebe-se no transcorrer do artigo que a leitura realizada pela autora, prende-se apenas à demonstração das técnicas corporais que são criadas e recriadas na dinâmica da “dança Hip Hop” naquela localidade. Aspectos históricos e ideológicos são tratados de modo superficial, fato que revela maior proximidade do contexto de produção acadêmica desta autora em relação aos meandros do Hip Hop ligados à produção artística com vistas à obtenção de lucro, e não, aos meandros que o utilizam como meio de expressão de determinadas realidades.

Na construção de sua dissertação de Mestrado em Artes pela Universidade de Columbia, Evans (2007) propõe uma análise do Rap, gênero musical fruto da junção entre MC e DJ, do ponto de vista político.

Evans (2007) apóia-se na história da música negra para elucidar uma trajetória que culmina no surgimento da cultura Hip Hop. Uma das principais riquezas da presente dissertação reside no apontamento do Hip Hop como

⁴ Tradução livre do autor.

manifestação gerada dentro de um ciclo de acontecimentos que negam a ideia de que o Hip Hop tenha surgido sem contextualizações e processos ocorridos anteriormente. De acordo com o autor, o Rap não pode ser apontado como o estilo musical que iniciou o processo de crítica à supremacia da raça ariana. Segundo suas próprias palavras...

Um exame da música negra durante toda a história americana traz a tona estilos diferentes, as paralelas que existem por causa das similaridades sociais dos negros durante toda a história americana. É importante compreender que como um grupo, os negros na América em qualquer momento a tempo não estiveram descansados inteiramente de sua agência humana. Ao mesmo tempo, embora, foram protegidos nunca inteiramente da fiscalização e do controle das elites dominantes. (EVANS, 2007 p. 16).⁵

Nessa incursão pelos estudos publicados em outros países sobre o Hip Hop é preciso salientar o artigo: “Putting Mano to Music: The Mediation of Race in Brazilian Rap”, escrito por Derek Pardue (2004). Esse autor dedica-se à explicitação dos valores presentes no Rap brasileiro. É interessante notar a análise de um autor americano que mergulha nas questões presentes no Rap desenvolvido em nosso país, pois seu olhar está arraigado pela historicidade norte americana que evoca as raízes desta manifestação cultural. De certa forma, nossa re-significação, ao menos em parte, chamou atenção de um pesquisador que em outros momentos dedicou-se ao estudo do Hip Hop em seu próprio contexto.

Os autores que dedicaram suas reflexões ao Hip Hop em diferentes partes do mundo desvelaram os valores que permeiam essa cultura. Outros estudos desenvolvidos em âmbito internacional revelam novas particularidades e semelhanças, como Nixon, Bidon e Galbraith (2003) que desenvolvem uma reflexão antropológica sobre Break e a cultura Hip Hop. Androutsopoulos e Scholz (2003) que se dedicam à apropriação por parte dos europeus dos valores presentes no Rap e na cultura Hip Hop.

⁵ Tradução livre do autor.

Essas leituras amadurecem o olhar frente à realidade da cultura Hip Hop no Brasil. Alguns pontos aproximam-se de modo intrigante à nossa realidade, outros, se afastam radicalmente.

Os estudos propostos por Engel (2001) e Evans (2007) podem clarificar melhor essas possíveis aproximações.

Diferentemente de Engel (2001), Evans (2007) constrói seu discurso em bases político ideológicas. Dois pontos podem ser destacados na análise dos textos publicados em diferentes países: o primeiro refere-se à localidade geográfica, para a qual cada publicação se dirige; como é sabido jovens franceses de origem turca sofrem com o processo de marginalização ao qual são submetidos (MCLAREN, 2007). Já nos Estados Unidos, esse processo deflagrou o início das ações inerentes à cultura Hip Hop na década de 1960. O espaço de tempo existente entre o desenvolvimento da manifestação em questão em uma localidade e outra, pode revelar a curiosidade epistemológica de Evans (2007) que construiu seu estudo nos Estados Unidos enquanto Engel (2001) o fez na Dinamarca.

Outro ponto que pode ser destacado é a análise do elemento a que cada autor se dedica. Engel (2001) trata especificamente da dança no contexto da cultura Hip Hop, por outro lado, Evans (2007) foca seu olhar na construção política do Rap. A maioria dos estudos relacionados à dança na cultura Hip Hop restringe seu olhar, dito de outro modo, por mais que a análise dos movimentos façam alusão a processos de emancipação e desenvolvimento do ser humano, dificilmente a dança é analisada à luz dos pressupostos que motivaram o surgimento da cultura Hip Hop. Por outro lado, o Rap, elemento de maior notoriedade no Hip Hop, é estudado por autores que apontam os valores presentes nas letras de música que engendram este constructo à luz dos valores relacionados ao surgimento do Hip Hop.

Essas características também podem ser notadas em estudos desenvolvidos em âmbito nacional. Por um lado, alguns trabalhos dedicados ao Break, não o alinham à sua vertente histórica, fato que resulta em apontamentos descontextualizados sobre essa manifestação cultural. Por outro, a maioria dos estudos relacionados ao Rap adotam como pressuposto a sociologia crítica, principalmente a marxista para construir análises sobre o Hip Hop.

Dias (2008) e Rotta (2007) ilustram a categoria de autores que dedicaram algumas de suas reflexões ao Hip Hop de modo descontextualizado da manifestação cultural. Esses autores partiram de posicionamentos ligados à percepção e estética do movimento humano para definir representações presentes no Break. Se esses autores utilizassem o mesmo prisma observacional para estudar a capoeira, por exemplo, talvez chegassem às mesmas conclusões que chegaram ao estudar o Hip Hop.

Afirmo, nesse sentido, que o estudo de qualquer manifestação cultural deve, obrigatoriamente, levar em consideração as particularidades inerentes a essas manifestações. Dias (2008) e Rotta (2009) aprisionam o Hip Hop a um filtro reconhecidamente validado no campo da ciência, mas, por outro lado, aproximam de modo perigoso manifestações culturais que podem ser apontadas como paralelas, mas suas nuances devem ser consideradas na elaboração de relatórios científicos.

Um estudo que alinha as atividades desenvolvidas no Break aos pilares ideológicos que sustentam a cultura Hip Hop é o capítulo de livro publicado por Ávila, Oliveira e Pereira (2005). Nesse texto, as autoras descrevem o processo de formação de professores de Break que atuam em uma ONG de Santa Catarina. Em um mapeamento no início dos trabalhos, as autoras perceberam o aparecimento da palavra “crítica” em diferentes depoimentos, mas quando perguntaram aos

oficineiros sobre a maneira como conceituam este termo todos eles fizeram apontamentos desconexos. Partindo desta informação essas autoras organizaram uma rotina de estudos junto aos oficinairos que propiciou a esses atores sociais uma melhor compreensão do termo “crítica”, esses estudos utilizaram como meio atores da sociologia que se debruçaram sobre este tema.

Para analisarmos a Cultura Hip Hop no Brasil é preciso rever a sua construção cultural em seu contexto, pois a essência do Hip Hop brasileiro difere da essência do Hip Hop americano. Mas essa diferença não se dá de maneira contraditória, pois as matizes éticas do Hip Hop são muito parecidas, assim como nos diz Mano Brown em uma de suas letras: *Periferia é periferia em qualquer lugar...*

O grande objetivo da Cultura Hip Hop, acima de tudo, é trazer à tona a voz do oprimido, e isso pode se dar por meio das interpretações que diversos povos têm sobre a Cultura Hip Hop, com suas respectivas diferenças culturais. À medida que seus princípios são significados e re-significados ao longo dos tempos, começam a ser desenhadas as diferenças em suas manifestações.

O HIP HOP NO BRASIL

O Hip Hop é uma prática social que tem como um dos elementos a dança – o Break – que foi o primeiro elemento ligado à Cultura Hip Hop que chegou ao Brasil. Sua entrada foi, no mínimo, curiosa, pois, em meados da década de 1980, essa forma diferente de dançar ainda parecia muito estranha. Uma dança executada, na maioria, por negros que se vestiam com roupas inabituais, e se portavam de modo totalmente diferente daquilo que as pessoas estavam acostumadas a observar. As roupas que eles usavam eram muito largas e coloridas,

e deixavam seus cabelos crespos grandes e despenteados, formando o penteado Black Power, que ficou conhecido nos bailes Black de São Paulo e Rio de Janeiro, como uma característica de Soul e Funk (HERSCHMANN, 2000).

Ao tomarem contato com este novo tipo de manifestação artística, muitos passaram a buscar informações sobre sua origem, e conseqüentemente, passaram a reproduzi-la nos bailes brasileiros. Neste contexto, em nossa história, existe uma figura chamada “Nelsão”, *aquele cara cumprido, alto parece um palito e tem um cabelão*⁶, pernambucano de Triunfo que tem sua importância histórica por ser considerado um dos patriarcas da dança de rua no Brasil. Ele tomou contato com essa dança que ocorria nos bailes da “Fantasy” (discoteca localizada em Moema, bairro nobre da cidade de São Paulo) e com a evolução de suas práticas, somadas à sua ideologia, decidiu levar essa dança para as ruas. O lugar escolhido foi o centro de São Paulo, onde *Nelsão*, junto ao seu grupo, o Funk & Cia, ensaiavam seus passos de dança. Neste período, a dança de rua alcançou a grande mídia, tornando-se uma das principais atividades da moda. Este ápice pode ser comprovado, na abertura da novela global “Partido Alto” que foi gravada por B.boys. Mas, do mesmo modo que a mídia eleva, a retira do contexto pop com a mesma facilidade. Sobre isso, temos a seguinte declaração:

Nelsão, porém, adverte que, quando a moda do Break passou, depois de 1985, só ficaram no movimento aqueles que eram mesmo interessados: “A mídia achou que a febre tinha acabado, mas nós insistimos”. Quando o irmão de Nelsão, o B.boy Luisinho, e outros integrantes da Funk & Cia começaram a dançar Break na estação São Bento do Metrô, eles mal sabiam que o local iria se transformar no santuário do Hip Hop no Brasil, a partir de meados da década de 1980. (ROCHA et al. 2001 p.50)

Como visto, a dança de rua deixou de ser um dos alvos da moda. Isto foi determinante para a construção de novos conhecimentos sobre a dança de rua que geraram novas práticas resignificando seus movimentos e a ideologia que a cerca.

⁶ Thaíde & DJ Hum **Desafio no Rap embolada** Assim Caminha a Humanidade, TRAMA, 2000.

Um novo ponto foi escolhido para os B.boys treinarem suas performances, e isso se deu pelas condições do piso e a facilidade de acesso.

Naquele tempo, os jovens que dançavam nas ruas eram considerados marginais, por executarem uma prática socialmente desconhecida e, acima de tudo, pelo preconceito que recaía sobre eles. As práticas corporais desses jovens eram totalmente diferentes, passando a serem vistos, possivelmente, como “problemas” para a população, levando à repressão policial que costumeiramente terminava em violência. Portanto, qualquer atividade que envolvesse os elementos já conhecidos pela polícia, era subitamente reprimida, sendo os indivíduos obrigados a pararem com suas práticas. No pátio da estação São Bento, os B.boys conseguiram desenvolver suas atividades com mais eficácia, mas ainda assim, faltava-lhes algo fundamental na prática de qualquer dança, a música. Sempre que B.boys e B.girls saíam para treinar levavam consigo ao menos um aparelho de som, que precisava de energia elétrica para funcionar. No pátio da estação São Bento, eles utilizavam a energia do Metrô, o que é expressamente proibido. Assim, os seguranças daquela estação reprimiam suas ações, que eram dribladas com o uso de pilhas nos momentos em que precisavam desligar o plug da energia.

A estação São Bento do metrô pode ser apontada como um dos santuários do Hip Hop nacional, pois grandes nomes do Rap e do Break passaram por ali. Uma das características interessantes deste período foi a utilização das latas de lixo. No livro *Hip Hop a periferia grita (2001)*, as autoras intitulam um de seus capítulos “a turma que batia latinha”, trazendo fotos de alguns personagens, B.boys que fazem parte da história do Hip Hop nacional.

O tempo passou, a dança de rua foi difundida por todo o Brasil. No estado de São Paulo, ela tornou-se uma forma de expressão reconhecida por muitas

peessoas. Embora algumas delas atribuíssem-lhe uma carga negativa ao apreciá-la, muitos outros a viam como algo positivo.

A estação São Bento já não é mais o principal ponto de encontro dos B.boys de todo o país. Hoje a dança de rua pode ser praticada, utilizando as bases de sistematização das práticas desportivizadas, pois os grandes “rachas” dos bailes da noite paulista deram lugar às “batalhas”, em outras palavras, aos campeonatos de Break. Essa dança é representada por vários grupos, entre eles podemos destacar: Street Breakers BBS, Dye Hard Crew, Discípulos do Ritmo, Gang Style Tradicional Crew, entre outros.

A dança de rua é o primeiro elemento da cultura Hip Hop a chegar em território brasileiro. Em seguida chegou o Rap. Embora este trabalho destine suas contribuições ao diálogo entre o Break e a Educação Física escolar, acreditamos ser de fundamental importância dedicar algumas linhas ao Rap, afinal, os pressupostos ideológicos contidos na prática do Hip Hop são disseminados principalmente por este elemento.

O Rap é o pilar da Cultura Hip Hop, que tem como ponto forte a voz, por isso, é o espaço que produz maior visibilidade, pois nas mais diferentes sociedades o “discurso” é utilizado como o principal meio de comunicação. Em outras palavras, na cultura Hip Hop temos o B.boy que se expressa através da dança, o DJ por suas pick up’s, o Grafiteiro pelas artes plásticas e o MC, que em parceria com o DJ se expressa pela fala, ou melhor, pela poesia rítmica (Rythm and Poetry). Essa poesia é arraigada em sentimentos e ações próprias das periferias. As músicas revelam o sentimento de pertença de jovens e adultos ao local no qual residem. Portanto, o Rap não pode ser analisado como uma simples letra de música, mas como um meio de induzir seus ouvintes a refletirem sobre tudo que ela expressa. Nesse sentido,

Paz Tella (1999, p. 58) coloca que: *o objetivo é provocar uma reação crítica nos jovens, questionando elementos que estão presentes no imaginário social.*

Uma das primeiras ações daqueles grupos que haviam sido formados na estação São Bento foi a procura por um espaço próprio, onde eles não dividiriam ações e atenções com nenhum outro elemento da Cultura Hip Hop.

Os MC's começaram a estudar as letras que conheciam, destacando assim, alguns grupos como: DMN, Thayde e DJ Hum, Racionais MC's, Facção Central, entre outros. Esses atores sociais passaram a engendrar uma nova maneira de contestação social, transformando a música em muito mais que versos cantados, tornando-a um instrumento concreto de ação e representação da população residente nas periferias da cidade de São Paulo. Sobre isso, Paz Tella (1999), mostra-nos que:

O Rap torna-se um canal de produção de novos elementos e símbolos culturais da população negra, os quais, muitas vezes, são conflitantes com os elementos aceitos pela sociedade branca, constituindo-se num instrumento de contestação e questionamento da realidade social. (p.58).

Tornando-se um novo meio de produção artística e, sobretudo de contestação social, o Rap propicia àqueles que têm oportunidade de escutá-lo, uma reflexão acerca de sua cotidianidade. Este pensamento não tem suas bases alicerçadas no argumento que aponta a população de baixa renda como a escória das sociedades – mesmo que implicitamente -, pelo contrário, as letras afirmam os processos desumanos presentes na relação opressores e oprimidos, citando, por exemplo: a analogia entre patrões e empregados, levando-nos a refletir sobre questões éticas, étnicas, filosóficas e políticas. Mas, para isso, não utiliza a linguagem culturalmente pautada como formal. Para atingir esse objetivo cada elemento da cultura Hip Hop faz uso de uma linguagem própria da periferia, trazendo à tona a especificidade de sua cultura.

Além dos quatro elementos presentes na base da cultura Hip Hop, atualmente, há outras manifestações que se integram aos contextos nos quais são desenvolvidas práticas relacionadas ao Hip Hop, como, por exemplo, o beat box e o skate.

Conforme explicitado anteriormente, um dos principais objetivos desta manifestação cultural é a conscientização da população periférica acerca de suas necessidades e possibilidades de ação (ZENI, 2004). Esse objetivo é traduzido em forma de arte engajada politicamente, por meio da expressão dos elementos supracitados. Embora esse objetivo seja um norte histórico da cultura Hip Hop, ao longo das últimas duas décadas essa manifestação ganhou contornos diferentes ao redor do mundo, e no Brasil não foi diferente.

Por um lado, o Hip Hop mantém-se como manifestação cultural que busca formar, por meio dos elementos que o engendram, seres humanos críticos e sabedores de sua condição social. Nesse sentido, o termo conhecimento passou a ser abordado como o quinto elemento da cultura Hip Hop (BASTOS, 2008). Por outro, os grandes veículos de comunicação e as indústrias da moda avistaram na prática do Hip Hop uma nova possibilidade mercadológica. Desse modo, podemos dizer que há no universo da cultura Hip Hop duas dimensões de interesses: uma que diz respeito às pessoas que se interessam por essa manifestação por seu legado histórico; e outra, pelas possibilidades de ascensão e status social, graças à visibilidade propiciada pela cultura pop.

Weller (2004), ao estudar grupos de Rap em São Paulo e em Berlim, demonstra claramente esse fato ao salientar que:

O Hip Hop possibilitou a aprendizagem de “coisas que não ensinavam na escola” e permitiu também o acesso ao conhecimento de “tudo aquilo que estes jovens realmente queriam aprender”, que era uma “identificação com a raça” e uma maior “noção de negritude”. (216-217).

O segundo grupo de Rap analisado pela autora justifica sua aproximação ao Hip Hop, por outra questão:

No início o que mais atraiu foi o estilo musical e os momentos de “curtição” a partir das ações desenvolvidas coletivamente. Ao mesmo tempo, a preferência deste estilo pela maioria dos jovens no bairro (“a maioria do pessoal só curtia rap”) gerou um processo de assimilação do rap como única forma de integração entre os jovens desta geração. Não aderir ao rap significaria estar desintegrado e excluído no próprio bairro. (WELLER, 2004 p. 218).

Sabemos que a dinamicidade das culturas se dá no sentido da pluralidade de sentidos, ações e significados a partir das próprias construções humanas. Novaes (2002) corrobora essa visão de mundo no contexto da manifestação em questão, afirmando que:

O hip-hop não é, portanto, um movimento orgânico que produz grupos homogêneos. Ao contrário, existem várias correntes, linhas e ênfases que os diferenciam em países, cidades, bairros e estilos, já que a circulação de bens culturais não se faz nunca em uma direção unilateral. (NOVAES, 2002 p.113).

Os diálogos acadêmicos que adotam o Hip Hop como tema central, devem levar em consideração essas possibilidades, o que significa dizer que o posicionamento dos indivíduos frente ao Hip Hop é que indica o percurso teórico a ser estudado pelos pesquisadores, e não o contrário. E é nesse sentido que o olhar a ser lançado sobre o Hip Hop, nesse texto, alinha-se com a sua adoção como manifestação cultural constitutiva de sujeitos críticos.

O objetivo desse trabalho consiste em apontar o Break, dança ligada ao Hip Hop, como um tema de discussão pertinente à área de Educação Física, dedicando substancial atenção às possíveis contribuições que essa manifestação cultural pode proporcionar às aulas de Educação Física no contexto escolar.

As premissas de diferentes abordagens pedagógicas em Educação Física escolar preconizam vivências corporais diferenciadas, como parte do processo educacional vigente nesta área de conhecimento. Assim, a intenção desse trabalho

pauta-se na verificação do quanto essa dança tem sido usada como uma nova possibilidade escolar pelos professores, e apresentá-la caso ainda não apareça no cenário escolar. A partir da ideia de que um dos pontos elementares no trato com um tema é a reconstrução do seu percurso histórico, buscamos trazer à baila, questões pertinentes ao desenvolvimento da Cultura Hip Hop desde sua gênese.

Um dos pontos iniciais para a construção da presente dissertação foi a busca por trabalhos científicos relacionados à temática proposta nesse estudo. Nessa busca foi possível detectar teses e dissertações encontradas no Brasil, elaboradas em diferentes áreas de conhecimento, as quais adotaram como foco central a temática do Hip Hop. O presente elenco foi efetuado por meio do banco de teses da CAPES. Após o levantamento dos títulos e resumos na referida base de dados passamos à busca do trabalho completo no site de domínio público e, posteriormente, ao site da instituição de ensino para encontrarmos o pesquisador responsável pelo estudo. Em alguns casos os trabalhos não estavam disponíveis para acesso na internet, impossibilitando sua análise.

Ao todo foram encontrados dezenove trabalhos disponíveis para download. Desses, oito foram construídos em Programas de Pós-Graduação em Educação, três em Antropologia e Artes, dois em Educação Física e, por fim, um trabalho em Economia Social, outro em Psicologia Social e mais um em Música. Além das áreas de concentração às quais os trabalhos estão vinculados vale ressaltar que dezoito, dos dezenove trabalhos encontrados, foram produzidos na região sul e sudeste do país, tendo apenas um trabalho que fugiu deste eixo, desenvolvido na Universidade de Brasília (UNB). Outro ponto a ser destacado é o grande número de trabalhos desenvolvidos na Universidade Estadual de Campinas -

Unicamp: de 19 trabalhos disponíveis 11 foram realizados em diferentes Programas de Pós Graduação vinculados a essa Universidade.

Boa parte desses estudos, principalmente nos programas de Educação tratam da influência do Hip Hop no processo formativo de jovens participantes dos elementos que constituem o Hip Hop. No entanto, não há nenhum trabalho que proponha o Hip Hop como trato pedagógico de algum componente curricular.

Os processos educacionais aos quais pesquisadores como Gustsack (2003), Adão (2006), Ximenez (2005) centram seus esforços para melhor compreender o Hip Hop e os sujeitos que o significam, se dão à luz da educação não formal.

Gustsack (2003) na construção de seu estudo com vistas à obtenção do título de doutor em Educação propõe uma leitura da cultura Hip Hop como ferramenta educacional presente no cotidiano de jovens, moradores da periferia do Rio Grande do Sul. Esse autor aponta que seu desafio é:

[...] encontrar ferramentas de compreensão e explicação para algumas práticas culturais vividas no Movimento Hip-hop. [...] meu desejo maior é construir referências para novos caminhos de ensino-aprendizagem no contexto social mais amplo e complexo, onde se desenvolvem ações sociais de formação humana trans-escolar como o Movimento Hip-hop. (GUSTSACK, 2003 p. 152)

Neste contexto o Hip Hop é tratado como um fator essencial na formação dos sujeitos entrevistados em sua pesquisa. A visão de mundo construída por esses adolescentes está pautada nos valores aprendidos e ressignificados nos meandros desta manifestação cultural.

Para além da formação que os jovens conquistam em suas experiências nos diferentes elementos que constituem a cultura Hip Hop, estão as novas perspectivas que esses sujeitos atribuem a esta manifestação cultural. Nesse sentido, a riqueza do Hip Hop não está, para este autor, nas bases históricas que

proporcionaram o desenvolvimento de atividades ligadas a essa manifestação em diferentes lugares do mundo. Sua riqueza reside no modo como os sujeitos espalhados pelo mundo se apropriam dos valores que lhes foram apresentados e os re-inventam à luz da cultura local.

Este estudo não adotou como cenário principal a escola, ele trata do processo de formação de jovens, sendo que parte deles estão em idade escolar. Mesmo não direcionando seu olhar para o cotidiano escolar, Gustsack (2003) tece considerações em relação à aproximação entre escola e o Hip Hop. Este autor compreende que:

[...] a escola não está afastada da vida, ainda que as famílias não participem diretamente dela, mas defendo a idéia de que o Movimento Hip-hop pode ser uma referência de mais vida dentro de muitas escolas assim como tem sido dentro de muitas famílias. (GUSTSACK, 2003 p.168)

Na esteira do olhar dedicado à cultura Hip Hop, podemos citar o estudo desenvolvido por Ximenes (2005). Em sua dissertação de mestrado, essa autora parte do pressuposto que aponta o Hip Hop como uma manifestação que apresenta expressões de modo semelhante em diferentes contextos, mas, nem sempre, aquilo que é externalizado por meio dessas comunicações tem o mesmo significado. O próprio título da sua Dissertação traduz essa ideia: “Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas”.

Ximenes (2005) se aprofunda nas questões relacionadas à multiplicidade de valores presentes na cultura Hip Hop. Para elucidar esses pontos, a coleta de dados de sua pesquisa foi organizada em três momentos:

O primeiro com os mais velhos, integrantes da velha escola do hip hop, com um roteiro de entrevista semi-estruturada; o segundo com jovens que, a partir de uma imagem apresentada no retroprojeto, a Torre de Babel, colocaram suas opiniões e, um terceiro com os dois primeiros grupos que, a partir de uma edição de trechos mais relevantes, expuseram comentários e impressões do próprio grupo e do outro. (XIMENES, 2005 p. 37)

Como resultado a autora identificou que a ideia apresentada em seus estudos foi confirmada, pois ela mostrou que os sujeitos que fizeram parte de sua pesquisa se expressam através dos elementos que compõem o Hip Hop, mas com significados diferentes. Muito embora os dois grupos analisados concordem com a premissa de que o Hip Hop é composto pelos quatro elementos, eles diferem na forma de se apropriar de suas bases.

A autora identificou tensões entre um grupo e outro, principalmente no que tange às motivações das frequências desses sujeitos no Hip Hop. Enquanto o grupo de pessoas mais velhas afirmava que o interesse e a permanência no Hip Hop se davam pela leitura crítica que essa prática lhes proporcionava, o grupo formado por sujeitos mais novos divergia, apontando como motivos, desde a vertente histórica da cultura Hip Hop até a sua aproximação com interesses meramente financeiros, passando ainda pela dedicação a essa manifestação gerada pelo fato de gostar de dançar, cantar ou grafitar (XIMENES, 2005).

Após constatar multiplicidade dos discursos expressos pelas mesmas linguagens no interior da cultura Hip Hop, o estudo em questão denota a presença do Hip Hop em diferentes contextos da cidade em que foi realizada a pesquisa. Após revelar a presença dessa prática nos espaços públicos da cidade, a autora ressalta uma relação dos sujeitos praticantes com uma política partidária e, finalmente, aponta considerações sobre os aspectos educativos do Hip Hop.

Ximenes (2005) faz essa aproximação do Hip Hop com os processos educativos sempre voltados a uma educação não formal e informal. A autora chega à conclusão: “O hip hop se relaciona à educação de adolescentes e jovens em espaços não–escolares.” (XIMENES, 2005 p. 60), após análise das entrevistas, nas

quais vários sujeitos afirmavam participar e/ou desenvolver oficinas ligadas aos elementos da cultura Hip Hop.

Diferente de Gustsack (2003) e Ximenes (2005) que apontam o Hip Hop como um espaço de formação para diferentes grupos sociais em Porto Alegre e Campinas respectivamente, mas, não o aproximam do contexto da educação formal, há o trabalho de Adão (2006) que utiliza o Hip Hop para analisar a visibilidade do negro no espaço escolar. Em seus estudos, com vistas a obtenção do título de mestre em ciências da educação, Adão (2006) analisa um projeto desenvolvido em uma escola da periferia de Florianópolis, Santa Catarina. Embora seu interesse não tenha sido o de criar estratégias metodológicas para o desenvolvimento de aulas que adotem o Hip Hop como temática, este trabalho destaca-se por aproximar esta manifestação da cultura do espaço reservado para a educação formal, por meio dos componentes Educação Física e Artes.

Para a autora, o Hip Hop é uma manifestação cultural que propicia aos jovens da periferia obter maior visibilidade, sobretudo os negros. Nesse sentido, imbuída dos preceitos que permeiam essa cultura, Adão (2006) enseja propiciar a esses adolescentes este mesmo espaço existente do lado de fora dos muros escolares para dentro desse ambiente, e, conseqüentemente, registrá-los em um relato científico.

O três trabalhos apresentados acima trazem como semelhança o interesse pelo Hip Hop e os aspectos educacionais que neles podem ser identificados. Como dado positivo pode-se destacar que os três trabalhos, desenvolvidos em diferentes estados da federação apontam o Hip Hop como uma manifestação cultural que permite aos sujeitos praticantes condições para lerem criticamente sua realidade e, posteriormente, alterá-la.

No entanto, nenhum dos relatos apresenta o Hip Hop como uma estratégia a ser desenvolvida no meio escolar.

Nenhum dos autores analisados apresenta propostas que possibilitem o trato pedagógico com o tema central desta dissertação, nem tampouco, buscam investigar se professores atuantes na educação básica abordam essa temática em suas aulas. Os três trabalhos aqui expostos são aqueles que, de um modo ou outro, propiciam o estreitamento de laços entre a Educação Física escolar e o Hip Hop.

Assim, é necessário apresentar quais são os caminhos que possibilitam essa aproximação, partindo das publicações que ganharam destaque no campo da Educação Física.

HIP HOP E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

O fato de nenhum trabalho científico, de todos aqueles investigados, ter apresentado o Hip Hop como um componente curricular presente na atual configuração da Educação Básica Nacional, pode gerar uma lacuna científica no léxico também da Educação Física escolar, pois, para essa área, diferentes autores apóiam manifestações culturais como propostas de temas nessas aulas. Com essa adoção na Educação Física escolar, dois pontos fundamentais poderiam ser privilegiados: a valorização da cultura do aluno e o oferecimento de vivências diferenciadas (DAOLIO, 2003).

Mas, mesmo que o foco não seja o preenchimento desta lacuna existente no meio científico, os governos estaduais de São Paulo e Paraná desenvolveram documentos oficiais, nos quais apresentam o Hip Hop como um tema a ser usado nas aulas de Educação Física desenvolvidas na escola.

Em 2006, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná foi responsável pela organização e publicação do Livro Didático de Educação Física (PARANÁ, 2006). Nesse trabalho, adotou-se como objetivo a sistematização de temáticas que demonstrassem possibilidades pedagógicas no ambiente da Educação Física desenvolvida no ensino médio. O Livro Didático de Educação Física respeita o eixo temático proposto por diversos autores que dedicam suas reflexões à Educação Física escolar. Nesse sentido, o jogo, a dança, a luta, o esporte e a ginástica são contemplados com propostas pedagógicas.

No conteúdo estruturante *dança*, o Hip Hop é apresentado como possibilidade de intervenção pedagógica. Para tanto, os autores responsáveis por

essa parte do livro o denominaram de: Hip Hop - Movimento de resistência ou de consumo?

Vinte e uma páginas foram dedicadas à essa manifestação cultural. Nas primeiras dissertam sobre a historicidade do Hip Hop, e em seguida, apresentam uma atividade com a intenção de familiarizar o educando ao contexto histórico no qual o Hip Hop emergiu.

Pesquise sobre o contexto histórico-social e cultural dos E.U.A. na segunda metade do século XX.

Cite os acontecimentos históricos que julgar importantes, relacionando-os com as condições de vida da população estadunidense da época. Ainda, pesquise quem foram Martin Luther King, Malcolm X e os Panteras Negras. Qual a relação deles com a luta social e, portanto, com o surgimento do movimento *Hip Hop*? (PARANÁ, 2006 p.229).

Após a incursão histórica, os autores dedicam suas reflexões à chegada do Hip Hop em solo brasileiro. No que tange à base científica, o Livro Didático de Educação Física não deixa a desejar em aspectos relacionados aos fatos que permeiam a construção histórica do Hip Hop. Um dos pontos altos do presente trabalho se dá no momento em que os autores apresentam títulos de matérias divulgadas por jornais e revistas aos alunos.

As matérias apresentadas pelos autores do Livro Didático de Educação Física demonstram a força que a cultura Hip Hop exerce no meio juvenil principalmente de São Paulo. Ancorados em Chauí (2003), os autores argumentam que os seguidores do Hip Hop adotam uma ideologia ao se ligarem de modo intrínseco aos valores que permeiam essa manifestação cultural.

A partir daí, o diálogo proposto pelos autores está centrado em questões que permeiam a contemporaneidade da cultura Hip Hop no Brasil, como sua definição como movimento de resistência ou de consumo. Como movimento de resistência é possível realçar os aspectos que o articulam ao processo de sistematização do Hip Hop no início da década de 1970. Desse modo, as vozes que

ecoavam dos adeptos a essa manifestação cultural buscavam denunciar as desigualdades existentes naquele contexto e, valorizar os aspectos inerentes as suas manifestações. Esta parte do texto utiliza como marco inicial comentários tecidos por Eliana Antonia, em 2004, acerca de uma matéria veiculada pelo jornal “A folha de São Paulo”, no mesmo ano, que aponta para uma possível cisão de um dos principais grupos de Rap – Racionais Mc’s – como um dos valores mais importantes do Hip Hop que é o afastamento dos grandes veículos de comunicação.

Naquela época o referido grupo de Rap teve uma de suas músicas veiculadas em parte no “Fantástico”, programa semanal exibido pela rede globo, uma das emissoras duramente criticadas pelas letras de músicas produzidas pelos Racionais e por outros grupos de Rap. Embora os autores do livro não se posicionem de forma clara em relação ao assunto abordado, fica evidente que eles endossam a crítica proposta pela “Folha”, pois recorrem a uma entrevista concedida a Revista “Caros Amigos” (1998) na qual os membros dos Racionais justificam seu afastamento dos grandes veículos de comunicação.

A construção do texto deságua na explicitação dos elementos que servem como base para o desenvolvimento da cultura Hip Hop. Como nos outros pontos do texto a apresentação do MC, do DJ, do Grafiteiro e do Break se dá de modo coerente com a historicidade do Hip Hop e as publicações científicas disponíveis sobre o assunto.

Um dos pontos que merece destaque na apresentação dos elementos ligados à cultura Hip Hop no texto é o Break. Aparentemente, os autores confundiram os termos Break e dança de rua ou street dance, ao afirmarem que:

No final da década de 20 do século XIX, com a crise econômica nos E.U.A., inúmeros trabalhadores, dentre eles alguns dançarinos e músicos, perderam seus empregos em antigos cabarés, e resolveram ir para a rua realizar apresentações. (PARANÁ, 2006 p.241)

Os autores realizam um resgate do período no qual a dança de rua começa a ganhar destaque nos Estados Unidos. O Break, elemento ligado à cultura Hip Hop tem como berço as Blockie Parties que ocorriam em meados da década de 1960 no Bronx, perifeira de Nova Iorque. O termo Break faz alusão ao tempo da música, assim, a denominação B.boy e B.girl fazem referência a garotos e garotas que dançam no Break da música.

Valderramas e Hunger (2007) se apóiam em Ejara (2004) para discutir o conceito de dança de rua. Para as autoras este tipo de dança se constitui em um conjunto de estilos de dança que encontraram nas ruas seus grandes palcos. Desse modo, o locking, o Up Rocking, o Popping, o Electric Boogaloo, o Free Style e o Power Move são tipos de dança que configuram o Street Dance, ou dito de outro modo, a dança de rua. O Break, estilo de dança que se apropriou de movimentos oriundos dos estilos de dança supracitados, se diferencia em um ponto crucial: tornou-se um dos elementos da cultura Hip Hop, fato que o diferencia pois os meandros da Cultura Hip Hop fazem emergir aspirações políticas ideológicas, o que não se destaca na Dança de Rua.

O documento elaborado pelo governo do Estado do Paraná (2006) acerta ao afirmar que alguns dos sujeitos ligados ao Break buscaram inspirações na guerra travada entre Estados Unidos e Vietnã para criarem movimentos que imitavam tanques de guerra, helicópteros e soldados que voltaram mutilados do combate.

Por se tratar de um livro didático voltado para a Educação Física, o documento pode ser discutido do ponto de vista da apresentação de atividades pedagógicas para o desenvolvimento do tema. É possível afirmar que o Livro Didático de Educação prende-se, na maior parte do tempo, à teorização sobre a cultura Hip Hop.

Apenas duas atividades levam os alunos à construção de movimentos ligados ao Hip Hop. Uma relacionada ao filme “You got served” de 2004 e outra no momento final do texto quando sugerem a criação de um evento de Hip Hop. As outras lições são constituídas de pesquisas e entrevistas que declaram o desenvolvimento de conteúdos ligados às dimensões conceituais e atitudinais presentes no Hip Hop.

É possível traçar um diálogo entre o Livro Didático de Educação Física (PARANÁ, 2006) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Diferentemente do ocorrido no documento publicado pelos paranaenses, em São Paulo, o Hip Hop aparece como possibilidade temática a ser desenvolvida no primeiro e segundo semestres da oitava série, e também, no segundo semestre do 3º ano do ensino médio.

A Proposta Curricular desenvolvida pelo governo estadual de São Paulo deve ser analisada levando-se em conta as diferenças existentes entre a publicação de uma proposta curricular e um livro didático. Como proposta avança em relação às questões pedagógicas que permeiam as manifestações culturais, para serem abordadas nas aulas de Educação Física no contexto escolar. Por outro lado, o Livro Didático de Educação Física apresenta maior aprofundamento na busca de conhecimentos sobre o Hip Hop, principalmente nas informações disponíveis no meio científico.

Levando-se em conta as publicações dedicadas à área, o Hip Hop pode ser apontado como temática a ser desenvolvida no ambiente das aulas de Educação Física na escola. O meio científico da área carece de publicações que definam um trato pedagógico adequado para essa manifestação cultural. Desse modo, as publicações que almejam esse aspecto esbarram em alguns pontos, como por

exemplo, o fato de não existir iniciativas para a construção de caminhos que possibilitem o Hip Hop como tema das aulas de Educação Física.

Os documentos existentes expõem algumas dessas fragilidades que não devem ser apontadas como defeitos, e sim, como marcas do momento histórico que a Educação Física tem passado.

Dentro deste contexto é válido refletir sobre os pontos que remetem ao olhar de pesquisadores sobre a ampliação de propostas temáticas para as aulas de Educação Física desenvolvidas na escola.

TEMAS E CONTEÚDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A POSSIBILIDADE DE NOVAS TEMATIZAÇÕES.

As publicações científicas que orientaram a reformulação dos pressupostos presentes no campo teórico da Educação Física escolar indicam o caminho da pluralização das temáticas e conseqüentemente dos conteúdos abordados em aula.

No entanto, antes de propor uma nova tematização é preciso esclarecer nosso entendimento acerca do tema, bem como, o significado que damos a conteúdo curricular.

A partir do livro “Metodologia do ensino em Educação Física” publicado por um Coletivo de Autores em 1992, cada modalidade sugerida como eixo temático, relacionado à Cultura Corporal, transforma-se em um conteúdo para ser abordado no contexto das aulas de Educação Física na educação básica. Nesta perspectiva, o futebol, a ginástica artística e a capoeira representariam conteúdos específicos da Educação Física.

Impulsionado pelo diálogo proposto por Toledo (1999) ao interpretar o tema “Conteúdo” exposto pelo Coletivo de Autores, identifica-se que nos primeiros apontamentos em que ele aparece, deixa a desejar no que tange à organização das aulas, pois, cria uma gama enorme de conteúdos a serem trabalhados nas aulas. Por exemplo, se pensarmos na ginástica rítmica como conteúdo, como seria possível explicitar os elementos específicos desta modalidade esportiva?

Acredita-se que as reflexões acerca dos questionamentos supracitados devam partir de premissas bem elaboradas que não dialoguem com os discursos veiculados pelo senso comum. Há em nosso olhar uma diferença entre tema e conteúdo no desenvolvimento das aulas. Nesse sentido, Toledo afirma que:

Os conteúdos têm como característica ser uma seleção de formas ou saberes culturais, cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada dos alunos e alunas dentro da sociedade, e que sendo correta e plena requer uma ajuda específica (TOLEDO, 1999 p.23)

Pode-se perceber que os conteúdos são configurados como os fatores essenciais para a formação do educando, assim, eles se tornam indispensáveis para a Educação Formal. Por outro lado, os temas se constituem como o elemento que propiciará ao educador abordar um conteúdo com mais significado para o educando. Como exemplo, podemos utilizar o “saltar” a partir de inúmeras manifestações da Cultura de Movimento. O saltar é um conteúdo que deve ser trabalhado nas aulas de EFE, mas o tema que o professor pode utilizar para trabalhar esse conteúdo depende de outras variáveis.

Faz-se necessário o retorno aos postulados da Proposta Curricular do Estado, para que se entenda seus possíveis avanços em relação aos PCNs (BRASIL, 1998). Como dito anteriormente, os PCNs estabeleciam um eixo temático para a realização das aulas de EFE. Já a Proposta Curricular do Estado de São

Paulo (2008) vai além, apontando temas e, conseqüentemente, conteúdos a serem trabalhados nas aulas.

Uma das possibilidades temáticas que podem ser aventadas no *lócus* da Educação Física é o Break.

O desenvolvimento de práticas diferenciadas nas aulas de Educação Física tornou-se um ponto extremamente enfatizado nos relatos científicos da área, nos últimos anos. Atualmente, é possível perceber o trato pedagógico com temas diferenciados, como a Capoeira e os Esportes Radicais.

Assim como esses temas, a dança Break também possui diálogos com os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física no contexto escolar.

As músicas mais utilizadas por B.boys e B.girls são o Break Beat e o Funk, mas, como dito anteriormente, as práticas inerentes à cultura do Hip Hop sofreram influências advindas da grande mídia, portanto, cabe salientar que o tipo de Funk aqui exposto não se assemelha ao divulgado nos grandes veículos de comunicação, pois, nos últimos anos, artistas como MC Sapão, Bonde do Tigrão e outros têm difundido um estilo musical denominado Funk (HERSCHMAN, 2007). Essas músicas ganharam visibilidade no Brasil. O Funk dançado por B.boys e B.girls é estruturado como as músicas de James Brown e Jimmy “Bo” Horne, com um ritmo um pouco mais suave e as letras menos apelativas.

O efeito no passo de dança é dado no beat na música, ou, como dizem os B.boys, na batida. Assim, o Top Rock, o foot work e o freezee devem estar intrinsecamente ligados ao beat da música.

O Top Rock é um tipo de dança na qual o B.boy permanece em pé. Nesse tipo de dança o dançarino trança suas pernas no Beat da música enquanto percorre o espaço da roda de Break.



Figura 7 Top Rock Fonte: www.mastercrews.com.br

O Foot Work é executado com o B.boy agachado, apoiando as mãos no chão e trançando as pernas no ar.

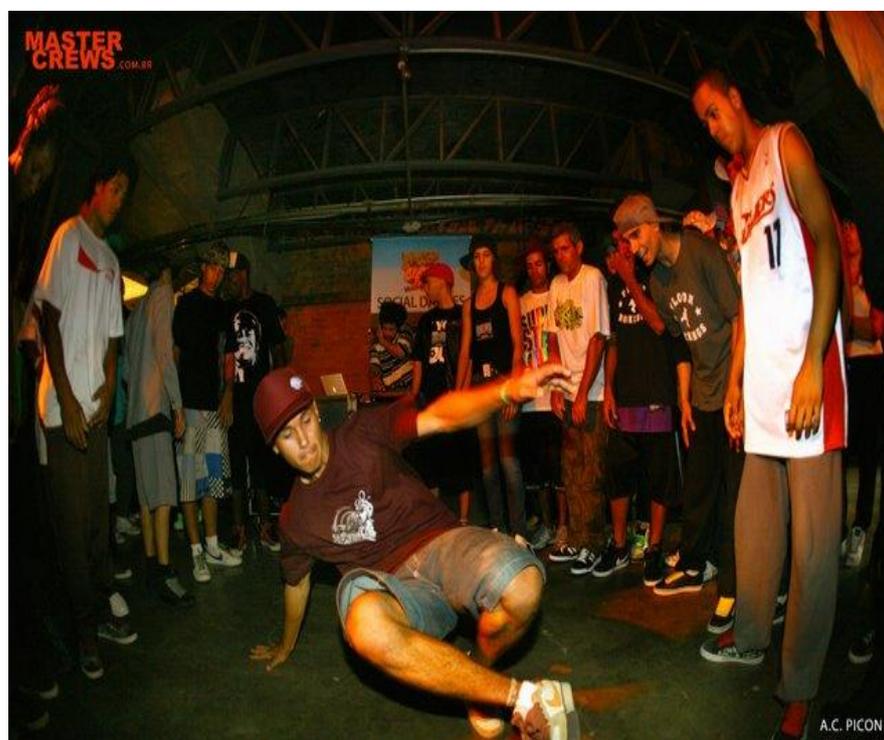


Figura 8 Foot Work Fonte: www.mastercrews.com.br

O Freeze é a finalização da seqüência do B.boy.



Figura 9 Freeze Fonte: www.mastercrews.com.br

Geralmente os B.boys e B.girls dançam na ordem que utilizamos para apresentar suas características. Inicia-se pelo Top Rock, passa-se para o Foot Work e finaliza-se a seqüência com o Freeze.

Acredita-se que nas aulas de Educação Física realizadas em contexto escolar, a estrutura da dança deve ser mantida – Top Rock, Foot Work e Freeze - por ela ser uma base para a construção dessa prática. Deve-se abrir espaço para que os alunos tenham condições de criar e recriar os movimentos do Break, assim como o vínculo com as raízes históricas da cultura Hip Hop não pode ser quebrada.

Com o tema dança é possível trabalhar diferentes passos usados no Break, como conteúdos relacionados à cultura corporal de movimento.

O autor que inspira a adoção de temáticas advindas da cultura discente é Jocimar Daolio. Esse autor busca contribuições no campo da Antropologia Cultural

para afirmar que a Educação Física escolar deve ser um espaço para construção de vivências diferenciadas (DAOLIO, 1995), abrindo espaço para adoção de temáticas que outrora não eram consideradas no momento da formação dos professores.

Essa proposta floresceu novas discussões e iluminou um novo campo de estudos na Educação Física, influenciando, inclusive, a redação dos documentos oficiais que foram desenvolvidos para servir como parâmetro aos professores que atuam nas escolas de todo o país.

Desse modo, é válido dedicar o próximo item à compreensão da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar.

CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Não há uma abordagem pedagógica que possa dar conta de todos os desafios da Educação Física escolar. Como demonstra Celante (2000), alguns estudos:

Apontam para a necessidade de um movimento de síntese do conhecimento produzido pelas diferentes abordagens da Educação Física, a fim de subsidiar a prática pedagógica no universo escolar, visto que uma única abordagem (qualquer que seja ela) acaba não conseguindo suprir todas as necessidades do profissional que atua na escola. (CELANTE, 2000, p.41-42)

Um dos primeiros passos nesse movimento de síntese proposto por esse autor seria a adoção de uma perspectiva epistemológica que tenha condições de orientar a construção de conhecimentos acerca do tema de estudo do pesquisador, ou da formação profissional docente e até das propostas de atividades utilizadas pelo professor em seu fazer pedagógico na escola.

No entanto, o desenvolvimento científico dos enunciados que servem de base à prática pedagógica dos professores que atuam no âmbito da Educação Física escolar não seguiram caminhos comuns. Embora as diferentes abordagens não compartilhem de fundamentos epistemológicos comuns, um termo se destaca na maior parte delas, a cultura.

Em um texto intitulado “Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?” Bracht (2005) utiliza os termos adotados por alguns dos principais autores da Educação Física para demonstrar que existe um lugar comum neste campo de estudo quando se fala especificamente da área escolar, a adoção do termo cultura.

Nas palavras de Bracht (2005) uma das razões para adoção do conceito de cultura [...] *é de que ela força uma redefinição da relação da Educação Física com a Natureza e com seu conhecimento fundamentador.* (p.99)

Ainda nos dizeres de Bracht:

Entender nosso saber como uma dimensão da cultura não elimina sua dimensão natural, mas a redimensiona e abre nossa área para outros saberes, outras ciências (outras interpretações) e amplia nossa visão dos saberes a serem tratados. (BRACHT, 2005 p.99)

Levando-se em consideração as ponderações elaboradas pelo autor supracitado e sua conseqüente incursão pela história dos conceitos, a qual aponta que a criação de conceitos deriva, entre outras coisas, do momento histórico no qual ele foi adotado, é possível concordar com a justificativa que Bracht dá para o título de sua publicação “entre Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento: [...] *qualquer um, desde que cultura [...]* Bracht (2005 p.97)

É necessário, entretanto, salientar que embora o termo cultura seja um dos caminhos para a formulação do entendimento do atual momento epistemológico da Educação Física escolar, existem diferenças entre os autores que se dedicam a essa discussão por meio do conceito de cultura. Fato que nos leva a realizar uma incursão pelo entendimento que adotamos sobre este termo. Não é objetivo deste estudo advogar por um ou outro complemento ao termo cultura, mas sim, concordando com Bracht (2005), demonstrar o olhar que mais influenciou o presente estudo.

Retornando ao depoimento expresso por Celante (2000), imagina-se que não deva existir uma abordagem predominante, mas sim um eixo temático voltado para a área de conhecimento. Este eixo é exposto pela Cultura Corporal de Movimento.

Na segunda metade da década de 1990 o termo Cultura Corporal se transformou em eixo para as proposições elaboradas para a Educação Física escolar. Segundo Daolio (1996), devem ser tratados como conteúdos dessa área de trabalho os elementos da cultura corporal sistematizados que podem se transformar em conhecimentos, sendo reconstruídos pelos alunos.

Daolio (2004), utiliza o termo Cultura Corporal inspirado no Coletivo de Autores. E, a partir de algumas críticas, enfatiza que não há possibilidade de existir uma cultura que não seja corporal, como:

Falar em Cultura Corporal pressupõe [...] considerar que há outras formas de cultura como a intelectual, por exemplo, reforçando, dessa forma, a antiga dicotomia mente/corpo (DAOLIO, 2004 p.39).

Nesse sentido, após a elaboração do primeiro documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Brasil (1998), Daolio passa a utilizar o termo Cultura Corporal de Movimento. Essa expressão emerge das proposições de Mauro Betti num artigo publicado na Revista Discorpo em 1994, no qual Betti afirma que:

[...] é necessário orientar os objetivos da Educação Física não diretamente para o corpo, mas indiretamente através da ação sobre a personalidade do aluno, dirigindo-o para metas específicas, ou seja, o “funcionamento” do corpo dentro da esfera da cultura corporal de movimento. (BETTI, 1994, p.38)

A adoção do termo Cultura Corporal de Movimento impõe uma nova realidade ao universo da Educação Física escolar. A partir de então, os temas danças, jogos, lutas e ginásticas passam a figurar em pé de igualdade com as modalidades esportivas que desde a década de 1960 (BETTI, 1991) se mostram como tema hegemônico no desenvolvimento das aulas de Educação Física no contexto escolar.

O desenvolvimento da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para essa área (SÃO PAULO, 2008) trouxe à tona o termo Cultura de Movimento. Os autores desse documento, acertadamente, não elaboraram uma nova terminologia

para a explicitação do eixo temático da Educação Física escolar. Buscou-se em Elenor Kunz (1994), a possibilidade de entendimento aventada por ele no bojo da abordagem crítico emancipatória. O termo Cultura de Movimento pode ser entendido como:

[...] atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extra-esporte (ou no sentido amplo do esporte) e que pertencem ao mundo do se-movimentar humano, o que o homem por esse meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta, seu comportamento, e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações, “tudo isto podemos definir, como a cultura do movimento”. (KUNZ, 1994 p.68).

Os aspectos dispostos no âmbito do *Se-Movimentar* complementam o entendimento sobre a cultura do movimento, assim:

O Se-Movimentar é a expressão individual e/ou grupal no âmbito de uma cultura de movimento; é a relação que o sujeito estabelece com essa cultura a partir de seu repertório (informações/conhecimentos, movimentos, condutas etc.), de sua história de vida, de suas vinculações socioculturais e de seus desejos. (SÃO PAULO, 2008 p.8)

Para além das explicitações conceituais está a compreensão de Kunz (2001) acerca de suas perspectivas em relação à Educação Física escolar. Pois, a partir do momento em que se adota um conceito elaborado pelo autor, trazemos suas visões de mundo e ciência para o campo de nossa formação e intervenção pedagógica. Nesse sentido, em entrevista à revista *Pensar a Prática*, ele afirma que:

Não sou mais aquilo que por minhas próprias capacidades e condições naturais poderia ser, mas sou de acordo com o meu poder de acesso às referências externamente colocadas para me ajustar a elas. Sou o que o mundo quer que eu seja. Sou um filho da publicidade. É por isto que há esta busca desenfreada no mundo por um retorno ao EU menos condicionado. Só que de uma forma completamente maluca. Drogas, diferentes tipos de religiões e seitas, fuga dos complexos urbanos etc. Todos sentimos hoje, indistintamente, uma ausência de conhecimento de nós próprios, e esta é a busca que todos, de forma intuitiva, estão perseguindo, penso eu. “Conheça-te a ti mesmo e conhecerás o Universo”, foi a mensagem deixada pelos sábios da Antigüidade e que teimamos, pela nossa ciência, pela nossa educação, em protelar. Temos sempre coisas mais interessantes e mais necessárias a descobrir e aprender. Enfim, estou trabalhando numa idéia que envolve a Educação Física, especialmente o movimentar-se humano, em determinadas situações e contextos e que dá abertura a esta possibilidade: este despertar para um conhecimento de si. (KUNZ, 2001 p.13).

A cultura de movimento tomando como base estrutural os jogos, as lutas, os esportes, as ginásticas e as danças tornaram-se eixo para a formulação dos temas para a Educação Física escolar. Quantas modalidades esportivas podem ser oferecidas na escola durante o período de escolarização formal? Quantas danças? Quantos jogos? Não é fácil elaborar uma resposta aceitável para essa pergunta. No corpo da última citação dessa entrevista, extraída da mesma revista, é possível vislumbrar uma resposta desse autor.

A organização do trabalho pedagógico e a seleção de conteúdos para o ensino da Educação Física são ainda os nossos maiores problemas. No meu entender, não se pode planejar, organizar e sugerir o trabalho pedagógico e os conteúdos a serem desenvolvidos a partir da mesa do pesquisador universitário. Devem os pesquisadores e os professores que atuam nas escolas brasileiras, juntos, desenvolver projetos que orientem esta organização e esta seleção de conteúdos. (KUNZ, 2001, p.7)

Fica claro a partir do exposto que os conteúdos a serem desenvolvidos na Educação Física escolar devem emergir da interação entre professores, pesquisadores e alunos. Cabe afirmar, então, que as danças ao serem escolhidas para compor um currículo de Educação Física serão diversificadas nas escolas do estado de São Paulo, por exemplo. Uma escola da periferia da Zona Sul pode escolher o Funk, enquanto uma escola da região central pode escolher o Axé. Não quero dizer com isso que a escola será limitada apenas àquilo que os alunos vivenciam em suas vidas fora da escola, mas, este é o ponto de partida para a construção de conhecimentos sobre Educação Física, a realidade vivencial do educando.

Oliveira (1999) afirma que os pesquisadores e profissionais ligados à Educação Física escolar precisam se tornar sabedores da dinâmica que rodeia a instituição escolar. Incorporar os significados específicos das localidades nas quais a Educação Física escolar aparece é fundamental para a construção de valores adequados à realidade do novo século que se desvela.

Dialeticamente a escola determina novos padrões de comportamento, ao mesmo tempo que é determinada pelo conjunto de tencionamentos de uma sociedade marcada pela exclusão, pela divisão social e pelo conflito. Segundo: um sem número de práticas corporais surge e desaparece, algumas por conta dos modismos de toda ordem, outras por incapacidade da própria escola de sistematizá-las; muitas dessas práticas são incorporadas por outras áreas do conhecimento ou se transformam em áreas próprias, diferenciadas da Educação Física. (OLIVEIRA, 1999, p. 7)

O desafio reservado para a Educação Física escolar neste século pode ser interpretado por dois autores. O primeiro deles é esse autor supracitado, que demonstra oito pontos como os caminhos para a efetiva melhora dessa área de conhecimento, a saber:

- 1) superar seu caráter de mera atividade, de “prática pela prática”;
- 2) buscar sua legitimidade no contexto escolar;
- 3) integrar-se ao processo pedagógico como um dos elementos fundamentais do desenvolvimento do educando sem, contudo, usar de sua especificidade para auto-exilar-se no interior da escola;
- 4) diferenciar-se de uma perspectiva “tarefeira”, espontaneísta, voluntariosa;
- 5) assumir-se como profissional de uma área do conhecimento que tem um saber a ser desenvolvido no meio escolar;
- 6) ampliar seu campo de intervenção para além das abordagens centradas na motricidade;
- 7) compreender as práticas corporais, pedagógicas e a própria organização social como constructos culturais;
- 8) eleger o homem como fim último das práticas corporais, invertendo a ordem hegemônica que considera o movimento humano como algo que subsiste por si, independente de sua humanização. (IDEM).

O segundo foi exposto por Wagner Wey Moreira em um livro que buscou perspectivar caminhos para a Educação Física no século XXI. Em um texto que apresenta perspectivas para a Educação Física escolar, Moreira (1999) ao compor uma analogia sobre a moldura de um quadro afirma que:

[...] demonstrando a convicção de que não podemos ter uma educação e uma Educação Física no próximo século – entrada de um novo milênio – que finquem suas bases nos modelos educacionais ou propostas pedagógicas originários do século XIX, ou mesmo nos 80 anos iniciais deste século. (MOREIRA, 1999, p.199)

Ao lançar mão dessas duas proposições nos posicionamos na esteira dos novos desafios que estão reservados a Educação Física escolar. É mister que a

construção de novas pesquisas possa resultar no aparecimento de novas linhas de pesquisa nos programas de pós graduação stricto sensu da área.

Atualmente, no apagar das luzes da primeira década do século XXI podemos citar estudos que buscaram uma nova perspectiva para área como Lório (2004) que propôs, em sua Dissertação de Mestrado, a tematização da capoeira no meio escolar; Honorato (2001) que dedicou parte de suas reflexões a questões de poder entre praticantes de skate; Toledo (2000) que dedicou sua Dissertação de Mestrado à aproximação da ginástica ao meio escolar e Franco (2008) quando apresentou as atividades de aventura. Entre outros, que buscam na esteira de novas possibilidades um caminho diferenciado para a Educação Física escolar.

A presente dissertação está iniciando uma caminhada para a proposição do Hip Hop, mais especificamente do Break, como temática a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física no contexto escolar. Para atingir essa aproximação é preciso, antes de tudo, investigar se os professores declaram desenvolver atividades relacionadas a temática do Hip Hop em suas aulas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de verificar se o Hip Hop é apontado como temática desenvolvida nas aulas de Educação Física ministradas em escolas públicas pertencentes à Diretoria de Ensino da Região Centro Sul, foram levantados os discursos dos professores, apresentados como respostas a um questionário aplicados nessas escolas.

A presente pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa do tipo descritiva, que para Gil (1999), tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis” (GIL, 1999 p. 44). Para Cervo e Bervian (1996 p. 49) esse tipo de pesquisa “[...] observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Segundo Oliveira (2000) uma pesquisa adota como método a investigação qualitativa quando não tem a intenção de numerar ou medir durante a análise do problema, e sim:

[...] descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. (OLIVEIRA, 2000, p. 117).

POPULAÇÃO E AMOSTRA

Esta pesquisa integra um grande projeto do GEPEFE⁷ que objetiva estudar a formação e atuação do profissional licenciado em Educação Física. A

⁷ Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física escolar que integra a rede de pesquisadores do Observatório da Educação Física, do Programa de Pós-Graduação nessa área na Universidade São Judas Tadeu, SP.

compreensão da atuação desse professor será realizada por meio de investigação feita na rede estadual de ensino, especificamente na Diretoria de Ensino da Região Centro Sul que conta em sua estrutura com 72 escolas. Como critério organizacional do grande projeto ao qual este estudo está vinculado, a população desse trabalho está formada pelos professores de Educação Física que atuam nessas escolas estaduais pertencentes à Diretoria de Ensino Centro Sul.

Para Turato (2003) nas pesquisas desenvolvidas com seres humanos é quase impossível abarcar todos os sujeitos presentes no contexto de pesquisa. Assim, cabe ao pesquisador isolar uma parcela da população desejada chamada de amostra.

Desse modo, a amostra dessa pesquisa foi definida de forma não probabilística-intencional pois: “Os elementos que formam a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com certas características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador”. (RICHARDSON ET AL., 1999, p. 161). Assim, a amostra deste estudo foi formada por ao menos um professor de Educação Física atuante em escolas vinculadas à Diretoria de Ensino da região Centro Sul do estado de São Paulo.

Foi realizada uma revisão de literatura sobre os temas Hip Hop e Educação Física escolar nas seguintes bases de dados: redalyc, scielo, Google Acadêmico, Latindex, Scirus, Indexpsi, Eric e Latin american. Teses e dissertações sobre os temas elencados anteriormente foram buscados no Banco de Teses da CAPES e no site Domínio Público ligado ao Ministério da Educação. Além desses documentos foram consultados livros publicados sobre Hip Hop e Educação Física escolar. Os estudos relacionados ao Hip Hop tiveram como objetivo aprofundar as reflexões sobre essa manifestação da cultura, identificando possíveis diálogos com a

Educação Formal, em especial com as aulas de Educação Física. Nessa mesma linha, a revisão sobre Educação Física escolar se deu com o objetivo de traçar linhas para adoção da manifestação cultural em questão como temática a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física oferecidas no contexto da educação formal. Desse modo, houve um aprofundamento maior nas questões referentes à Cultura de Movimento.

Em seguida, foi elaborado o instrumento de pesquisa (questionário) utilizado na pesquisa empírica com o intuito de alcançar os objetivos propostos neste estudo. Laville e Dionne (1999) afirmam que um questionário deve oferecer “aos interrogados uma opção de respostas, definida a partir dos indicadores, pedindo-lhes que assinalem a que corresponde melhor à sua opinião” (p.183).

O questionário foi composto por questões abertas e fechadas, o qual só pôde ser respondido após assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), anexado nos apêndices desse trabalho. O instrumento foi elaborado em três partes: I dados da escola; II dados do professor e; III práticas adotadas nas aulas.

Ou seja:

A primeira parte do questionário estava composta por questões sobre os materiais pedagógicos, específicos da Educação Física, existentes na escola. Em seguida, no mesmo item, o professor foi questionado sobre a estrutura física que ele tem para ministrar as aulas na escola que trabalha.

Na segunda parte foram coletadas informações sobre a formação desse professor. Assim, foram obtidos dados referentes à faixa etária do professor, à essência do curso no qual se formou, a sua participação em eventos científicos cuja temática fosse voltada para a Educação Física escolar, além de outros aspectos relevantes que nos levassem a conhecer quem é esse professor.

As questões apresentadas na terceira parte do questionário foram direcionadas para as práticas adotadas pelos professores em suas aulas, e, portanto, é a parte que utilizamos nesse trabalho. Nesta parte foram elaboradas questões sobre os conteúdos abordados em aula, bem como as estratégias metodológicas adotadas pelos professores para tratarem os conteúdos mencionados. Existem também questões sobre a elaboração do plano de ensino e o peso exercido pela Educação Física no projeto pedagógico da unidade escolar.

O vínculo existente entre a Universidade São Judas Tadeu e a Diretoria de Ensino da Região Centro Sul foi refletido no curso de Pós Graduação em Educação Física com o projeto: A Formação e Atuação do Professor de Educação Física escolar - um estudo no Estado de São Paulo.

Esse projeto recebeu aprovação do edital Observatório da Educação, viabilizado por uma parceria entre a CAPES e o INEP/MEC. Busca-se neste grande projeto de pesquisa construir conhecimentos sobre a formação do licenciado em Educação Física, bem como sobre a atuação dos professores formados nesta área de conhecimento em escolas de educação básica. A escolha da Diretoria de Ensino da região Centro Sul deve-se à pré-existência de uma parceria entre a Universidade que subsidiou em parte o desenvolvimento das pesquisas relacionadas ao projeto com a referida Diretoria de Ensino.

Com vistas ao estabelecimento de diálogo com os professores atuantes nas escolas, e também, do alcance de um “n” considerável para o desenvolvimento da pesquisa, foi organizado pelo GEPEFE, na USJT, um encontro dos professores que atuam nas escolas dessa Diretoria com os mentores da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Esse encontro foi endossado pelos dirigentes da Diretoria de

Ensino pelo ofício N° 99/2009, que convocaram todos os seus integrantes da área de EF.

Com a finalidade de oferecer um espaço de discussão com os autores da Proposta Curricular, os professores de EF que compareceram também responderam ao questionário proposto. Nem todas as escolas apresentaram ao menos um professor com resposta do questionário. Assim, coube ao pesquisador, em parceria com integrantes do grupo de estudos responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, o GEPEFE, fazer o levantamento das escolas ausentes e visitá-las para complementar os dados da pesquisa.

Como universo foram adotadas as escolas públicas mantidas pelo governo do estado de São Paulo, especificamente as vinculadas à Diretoria de Ensino da região Centro Sul, voltadas ao ensino fundamental.

ANÁLISE DOS DADOS

É válido ressaltar que o objetivo dessa investigação consistiu em verificar se o Hip Hop aparece nas respostas dadas pelos professores como temática desenvolvida em suas aulas. Diferentes motivos podem levar o professor de Educação Física à adoção de temáticas que fogem daqueles desenvolvidos tradicionalmente, principalmente os temas relacionados às modalidades esportivas. Desse modo, além de levantar os professores que tratam especificamente do Hip Hop em suas aulas, avançamos na busca por docentes que tratam de temáticas, as quais indicavam uma possibilidade de inserção do Hip Hop naquele contexto.

A interpretação das respostas concedidas pelos professores às questões abertas contidas no questionário foram analisadas de acordo com os pressupostos

advindos da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2007), que segundo a própria autora pode ser entendida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto [...] (BARDIN, 2007 p. 33)

Entre o leque de possibilidades ofertadas pela técnica de análise de conteúdo é possível escolher entre uma análise majoritariamente qualitativa ou quantitativa. Optou-se nesse estudo pela análise qualitativa sem rejeitar, como salienta a autora, dados quantitativos que não são utilizados por sua frequência, mas, para auxiliar na construção de uma visão geral dos questionamentos do trabalho.

Na perspectiva da análise de conteúdo, a resposta para o problema de pesquisa emerge da codificação dos dados obtidos junto aos sujeitos que participam da pesquisa. Por meio de recortes e codificações é possível esclarecer características do contexto estudado.

Bardin (2007) afirma que a codificação deve ocorrer mediante a identificação de dois elementos: Unidade de Registro e Unidade de Contexto.

A Unidade de Registro é:

[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. (BARDIN, 2007 p.130)

Já a Unidade de Contexto:

[...] serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões [...] são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro. (BARDIN, 2007 p. 133)

Após a identificação de todas as Unidades de Registro e Contexto procedeu-se à categorização das informações obtidas, permitindo a apreciação dos dados que a leitura inicial do texto não revela. A interpretação temática organizada

rigorosamente, seguindo os passos preconizados pela autora, favoreceu a apresentação e discussão das informações encontradas no discurso dos sujeitos.

Com o objetivo principal de identificar a presença do Hip Hop como um tema desenvolvido pelos professores de Educação Física nas escolas públicas, o foco do olhar foi direcionado às questões que tratam especificamente da prática pedagógica usada por esses professores.

As respostas oferecidas pelos professores sobre os temas e conteúdos adotados em sua prática pedagógica foram reveladas nas questões 7 e 8, alocadas na parte III do questionário. Portanto, embora as respostas de todas as questões dessa III parte tenham sido lidas para conhecimento de todo o contexto abordado pelos professores, somente essas duas questões fizeram parte dessa análise.

No universo de 72 escolas públicas definidas nessa Diretoria, apenas 68 são voltadas ao ensino fundamental, e dessas, foram coletadas as respostas de 67 professores correspondendo a 53 escolas que aceitaram responder. A partir das descrições das respostas, foram elencadas as Unidades de Registro (UR) que apresentam significado ao pesquisador, pois sugerem o Hip Hop como temática desenvolvida pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, em suas aulas de Educação Física nas escolas. Na seqüência, as Unidades de Registro foram organizadas em quatro unidades de contexto, sendo: Unidade de Contexto 1 – Dança e Atividades Rítmicas; Unidade de Contexto 2 – Aspectos Socioculturais; Unidade de Contexto 3 – Documentos Oficiais; e, Unidade de Contexto 4 – Hip Hop como Street Dance.

A construção das Unidades de Contexto dentro das temáticas supracitadas se deu pelos caminhos revelados pelos professores que sugerem o trato pedagógico com a temática do Hip Hop. Abaixo foi construído um quadro representando a Unidade de Contexto 1, contendo todas as Unidades de Registro

escolhidas das respostas dadas sobre quais conteúdos o professor desenvolve em suas aulas de Educação Física.

UNIDADE DE CONTEXTO 1 – DANÇA E ATIVIDADES RÍTMICAS

UR1	Procuro trabalhar jogos, <i>ritmo</i> , exercícios de ginástica e esportes (dentro das possibilidades da faixa etária dos alunos)
UR6	Jogos, esportes, <i>danças</i> e lutas
UR7	Desporto, <i>dança</i> , lutas, <i>expressão rítmica</i>
UR8	Jogos, <i>atividades rítmicas</i> , <i>dança</i> , ginástica e alongamento muscular, atividades lúdicas etc...
UR9	Jogos, <i>atividades rítmicas</i> , <i>dança</i> , ginástica e alongamento muscular, atividades lúdicas etc...
UR12	Esporte, <i>dança</i> , lutas, atividades sensoriais
UR17	Jogo (cooperativo, popular etc...), <i>atividade rítmica (dança)</i> , esporte (convencionais, alternativos), ginástica (práticas contemporâneas) e conhecimentos sobre o corpo (frequência, capacidade cardiorrespiratória etc...)

UR23	Aulas teóricas sobre lutas, práticas sobre ginástica, <i>atividades rítmicas</i> e esportes
UR32	Muitos. Capoeira, circo, skate e <i>dança</i> , futsal, handebol, voleibol (não tenho tabelas de basquete)
UR34	Atividades primeiramente lúdicas e depois atividades que envolva a motricidade, a coordenação, <i>dança</i> , raciocínios lógicos (xadrez, damas, snooker)
UR35	Ginástica, recreação, <i>dança</i> , ordem unida, cidadania, manuseio de aparelhos, comportamento corporal e social, cultura do movimento, brinquedos com reciclagem e reaproveitamento, <i>dança</i> , folclore, civismo e contextualização nos registros
UR36	Esportes, <i>dança</i> , jogos, ginástica, luta (muito raramente), vocalização (coral) e música
UR37	Jogos pré-desportivos, lutas, <i>atividades rítmicas</i> , sempre me baseio nos PCN's
UR39	Esportes, lutas, <i>atividades rítmicas</i> , jogos
UR40	Recreação, jogos, <i>danças</i> etc...

UR41	<i>Dança</i> , ginástica, luta. Esporte, jogos, atividades esportivas e sociais etc...
UR42	Procuro diversificar jogos, esportes, lutas (como recreação). E. pega-pega, capoeira, sem especificidade, ginásticas e <i>ritmos</i> .
UR44	Recreação, <i>dança</i> , jogos pré-desportivos, expressão corporal, dinâmicas, jogos de raciocínio, coordenação motora, equilíbrio etc...
UR45	Habilidades e capacidades motoras. – <i>Ritmo</i> . – Noções de tempo e espaço. – Conhecimento sobre o corpo. – Aspectos nutricionais e de saúde como qualidade de vida.
UR49	Jogos, esportes, ginásticas, <i>atividades rítmicas</i> e expressivas, <i>danças</i> .
UR50	Prático e teórico, de acordo ao conteúdo dado pela secretaria da educação e tenho um <i>projeto de dança</i> que desenvolvo já há 3 anos aqui na mesma escola.
UR52	Jogos (recreação, cooperativos, pré-desportivos, psico-motores, etc). <i>Dança</i> (folclore regional, festa comemorativas, cirandas, etc). Ginástica (artística, geral, aeróbica, Lien ch'i/chinesa). Lutas (capoeira/ kung fu/ Karatê/ sumo e brincadeiras, ex: braço de ferro, cabo de guerra. Brincadeiras (populares, de rua).

UR54	Conhecimento do corpo humano (orientação temporal e espacial - habilidades motoras básicas com exploração das limitações e possibilidades corporais; reconhecer hábitos posturais e atitudes corporais); Jogos (jogos populares (adaptados), taco, jogos pré-desportivos (queimada, câmbio, pique bandeira, bola ao alto; pré-desportivos de futebol; brincadeiras (corre-cotia; amarelinha, pular corda, pega-pega (com variações) – <i>atividades rítmicas e expressivas</i> (brincadeiras cantadas, <i>dança</i> , (pezinho, balaio, quadrilha e dança espontânea) pequenas coreografias, ginástica.
UR58	Luta, <i>atividade rítmica</i> , esporte, ginástica e jogo, mas prefiro dar uma abordagem um pouco mais social
UR60	IMC, <i>danças</i> , anorexia, doping, esportes etc...
UR62	<i>Dança</i> , ginástica, luta. Esporte e jogos
UR63	<i>Dança</i> , ginástica, lutas, jogos/esportes e brincadeiras
UR64	Conhecimentos sobre o corpo, esportes, jogos, ginástica, <i>atividades rítmicas e expressivas</i> .

ANÁLISE DA UNIDADE DE CONTEXTO 1

Esta primeira Unidade de Contexto traz em sua descrição elementos que não apenas sugerem o trato pedagógico com a cultura Hip Hop como sinalizam o início de uma nova era na Educação Física escolar, pois, em um universo de 67 professores, 29 afirmam trabalhar com danças e/ou atividades rítmicas.

Como é sabido o Hip Hop consolidou sua trajetória histórica por meio dos 4 elementos – MC, DJ, Grafiti e Break – desses quatro elementos, três estão ligados diretamente às atividades rítmicas e à dança, que são: o MC, o DJ e o Break.

Nesse quadro, pode-se identificar que o professor que afirma trabalhar com *“Esporte, dança, lutas, atividades sensoriais”* (UR12) abre a possibilidade do desenvolvimento da temática do Hip Hop em suas aulas.

As contribuições desenvolvidas no espaço científico da Educação Física caminham desde o início da década de 1990 para a diversificação das temáticas abordadas. Pode-se apontar para Coletivo de Autores (1992), Betti (1994) e Daolio (1995) como exemplos na tomada de novos rumos na Educação Física escolar.

A ponte entre as novas perspectivas aventadas no campo da Educação Física e as manifestações culturais que podem ser abordadas nas aulas de Educação Física são os blocos de conteúdos expostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, BRASIL, 1998). Neste documento os jogos, as danças e as atividades rítmicas, os esportes e as lutas passam a formar o eixo temático que servirá de base para o desenvolvimento das aulas nesse componente curricular.

Os enunciados apresentados nos PCN (BRASIL, 1998) são corroborados na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Novamente as atividades rítmicas e as danças são destacadas por meio da proposição de temas que podem

ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física. O Hip Hop aparece como uma dessas possibilidades nesses documentos oficiais, mas, nas respostas dos professores esse tipo de manifestação da cultura corporal não aparece de forma clara e direta, apenas como uma possibilidade de prática em todos aqueles registros que apresentam respostas que sugerem esse tipo de atividade. Como por exemplo, aqueles que respondem como conteúdos desenvolvidos em suas aulas: dança, atividades rítmicas. Mesmo sabendo que muitos professores possam nem conhecer o Hip Hop, o fato dele revelar que em suas aulas preocupa-se com atividades ritmadas pode nos dar a ideia de que em algum dia o Hip Hop possa estar presente nesse tema por ele abordado.

A dança, elemento expresso pelo Break nos meandros da cultura Hip Hop, destaca-se como uma possibilidade a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, 29 dos 67 professores que afirmaram trabalhar com atividades rítmicas e dança podem ter as portas de suas aulas abertas ao trato pedagógico com o Hip Hop, mesmo que ainda não o relacionem nos temas desenvolvidos nessas aulas.

UNIDADE DE CONTEXTO 2 – ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

UR2	Conhecimento do próprio corpo e <i>valores sócio-educativos</i> .
UR22	Atualmente, com a 1ª a 4ª série, desenvolvo também com os alunos <i>temas contra o preconceito, a discriminação e a violência</i> , prevenindo situações de brigas e ofensas dentro e fora das aulas. Fiz também um trabalho pedindo aos alunos que perguntassem aos pais o que eles faziam na Educação Física deles. (Como parte do projeto Ler e Escrever). Tem também, coordenação, velocidade,

	força, insistência
UR35	Ginástica, recreação, dança, ordem unida, cidadania, manuseio de aparelhos, <i>comportamento corporal e social</i> , cultura do movimento, brinquedos com reciclagem e reaproveitamento, dança, folclore, <i>civismo</i> e contextualização nos registros
UR41	Dança, ginástica, luta. Esporte, jogos, atividades esportivas e <i>sociais</i> etc.
UR55	Trabalho desde atividades relacionadas ao esporte, até <i>assuntos atuais que interferem no cotidiano dos alunos</i> .
UR57	Não trabalho com conteúdos e sim com <i>temas vinculados com aspectos culturais</i>

ANÁLISE DA UNIDADE DE CONTEXTO 2

Na busca de compreender os conteúdos desenvolvidos pelos professores nos deparamos com respostas significativas, como por exemplo, “ *...temas contra o preconceito, a discriminação e a violência...*” (UR22), que demonstram preocupações dos professores com aspectos sociais de seus alunos.

Também é interessante notar que um professor separa as atividades de esporte, jogos, ginástica e dança das atividades sociais, como a resposta mostrada

na UR41. Outro sujeito da pesquisa destaca sua preocupação com temas que interferem no cotidiano de seus alunos. Não é possível inferir que dentre essas propostas o Hip Hop apareça, mas sim, as características que permeiam sua prática, sua real inserção num ambiente social.

Há ainda aqueles que não denominam as atividades desenvolvidas em suas aulas, classificando-as como “...temas vinculados com aspectos culturais” (UR57), demonstrando suas preocupações com o aprimoramento da cultura de seus alunos.

Os aspectos sócio culturais não aparecem explicitamente no bloco de conteúdos exposto nos PCN (BRASIL,1998). No entanto, tanto os documentos oficiais como boa parte dos autores que dedicam seus esforços à Educação Física escolar afirmam que esses aspectos são fundamentais na elaboração das aulas.

O Hip Hop é uma manifestação cultural que ganhou destaque no cenário nacional e internacional graças ao seu teor contestatório. Essas contestações afloram, como afirma McLaren (2000), das situações vividas pelos sujeitos que significam e re-significam essa manifestação cultural.

Como o Hip Hop é uma manifestação que tem suas origens ligadas às periferias de grandes centros, com toda certeza os aspectos sócio culturais que dela emergem devam ser considerados. Os valores socioculturais aparecem como uma das principais forças ligadas à cultura Hip Hop. Temas como luta de classes, preconceito racial, violência policial entre outros são fatores apontados por autores nacionais (ANDRADE, 1999; WELLER, 2004) e internacionais (BRODER, 2006; EVANS, 2007; ROSE, 1994), além das questões relacionadas ao preconceito racial (McLAREN, 2000), a relação estabelecida entre opressores e oprimidos (BASTOS,

2008) e as questões de gênero (XIMENES, 2005) são as que mais se destacam no contexto da cultura Hip Hop.

É necessário deixar claro que os pontos supracitados não aparecem apenas no Hip Hop, pelo contrário, são características que constituem as relações humanas. Mas, como há professores que afirmam trabalhar com aspectos sócio culturais em suas aulas, isso nos permite inferir que o Hip Hop possa estar presente dentre essas atividades. Essa é, portanto, uma interpretação que o pesquisador faz, alinhavando esses dois universos, o Hip Hop e atividades sócio culturais, demonstrando que o professor que desloca sua atenção para uma abordagem de aspectos sociais e culturais pode sim utilizar o Hip Hop como tema de suas aulas, já que essa manifestação nasceu carregada de valores sociais.

UNIDADE DE CONTEXTO 3 – DOCUMENTOS OFICIAIS

UR4	Para cada série tenho utilizado a <i>Proposta Pedagógica</i> como caminho
UR5	Todos da <i>proposta curricular</i>
UR16	Os da <i>proposta curricular</i>
UR18	Os conteúdos da <i>proposta curricular</i>
UR20	Conteúdos recomendados na <i>proposta curricular da Secretaria de Educação</i> , além de atividades relacionadas às datas comemorativas
UR37	Jogos pré-desportivos, lutas, atividades rítmicas, sempre me baseio nos <i>PCN's</i>

UR50	Prático e teórico, de acordo ao <i>conteúdo dado pela secretaria da educação</i> e tenho um projeto de dança que desenvolvo já há 3 anos aqui na mesma escola.
UR56	<i>Proposta curricular 2008/2009</i>
UR61	Os conteúdos da <i>proposta curricular</i>

ANÁLISE DA UNIDADE DE CONTEXTO 3

Dois documentos são citados pelos professores como fundamentos de adoção de temas e conteúdos em suas aulas, são eles: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

No caso dos PCN (BRASIL, 1998) o tema Hip Hop não aparece em nenhum dos documentos. É válido ressaltar que foram elaborados três documentos: o primeiro, foi direcionado aos professores que trabalham no primeiro segmento do ensino fundamental, ou seja, primeira à quarta série (BRASIL, 1998^a). O segundo, direcionado aos professores que atuam entre a 5^a e a 8^a série do ensino fundamental (BRASIL, 1998^b). E por último, o documento direcionado ao Ensino Médio (BRASIL, 2006).

O fato comum nos diferentes documentos elaborados reside na valorização da cultura do aluno. Nesse sentido, o eixo temático apresentado composto por esporte, dança, luta, jogo e ginástica deve ser utilizado como suporte para a pluralização dos conteúdos abordados em aula, bem como das temáticas que os cercam. Seguindo esta linha de raciocínio o Hip Hop é uma das possibilidades

que pode emergir nesse contexto, dado a íntima relação de jovens, de diferentes localidades, com a referida manifestação cultural.

Por outro lado, a Proposta Curricular do estado de São Paulo, como exposto anteriormente, aponta diretamente o Hip Hop como uma das temáticas a serem desenvolvidas na oitava série do ensino fundamental e no ensino médio. Esse fato nos leva a crer que os professores que apontam a referida Proposta como guia na adoção das temáticas, possivelmente abordam o Hip Hop em suas aulas, já que o próprio documento assim sugere. Isso pode nos mostrar que 9, dos 67 professores que responderam o questionário, precisam de sugestões dadas para desenvolverem seus temas e conteúdos em suas aulas, o que, de certo modo, releva a existência desses documentos.

UNIDADE DE CONTEXTO 4 – HIP HOP COMO STREET DANCE

UR59	Referentes a suportes para planejar, avaliar, aprender, quando trabalhei com Ensino Médio, ensinei rúgbi, <i>street dance</i> , entre outras sugestões do caderno como o tênis
UR65	Trabalhei a capoeira, o <i>street</i> , discussões sobre bulimia e anorexia, esgrima(não)

ANÁLISE DA UNIDADE DE CONTEXTO 4

A construção desta Unidade de Contexto nasce de um erro conceitual. Hip Hop e Street Dance configuram-se como manifestações culturais distintas que em determinado momento da história passam a compartilhar movimentos específicos.

Essa diferença, sutil aos olhos daqueles que não possuem intimidade com as particularidades inerentes à cultura Hip Hop, é fundamental na interpretação e trato pedagógico com uma ou outra manifestação da cultura.

As diferenças existentes entre o Hip Hop e o Street Dance não foram levadas em consideração na construção da Proposta Curricular do estado. Esse fato pode levar a construção do trato pedagógico com o Hip Hop a partir de atividades relacionadas aos diferentes elementos desta manifestação. Na apresentação das atividades referentes ao Break, elemento que se manifesta pela dança, os autores da Proposta Curricular iniciam a incursão nessa proposta, lançando mão do termo Street Dance (SÃO PAULO, 2008). Pode ser que este erro conceitual expresso num documento oficial tenha impedido que os professores, os quais afirmam que o tema Street Dance está presente em suas aulas, identificassem se o trabalho desenvolvido pertence às práticas do Hip Hop ou do Street Dance.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises dos dados apresentadas revelam nuances que dão margem à resposta da pergunta apresentada como problema de pesquisa no trabalho, e também fornecem pistas e particularidades para a construção de trabalhos futuros.

Como primeiro resultado cabe destacar o número de temáticas abordadas pelos professores. Todos os 67 professores afirmam trabalhar com temáticas variadas em suas aulas, fato que revela um avanço ao menos no discurso dos docentes que responderam o questionário. Este dado, inaugura um novo marco no campo das pesquisas relacionadas à Educação Física escolar, pois grande parte dos trabalhos dedicados à compreensão da prática pedagógica de professores dessa área de conhecimento apresentam como resultado a prevalência de modalidades esportivas como temática principal. É possível perceber na primeira

Unidade de Contexto que 29 professores afirmam trabalhar com atividades rítmicas e dança, fato que corrobora o avanço apresentado anteriormente.

O segundo resultado, que frutifica a construção do presente estudo, é a confirmação da tese, presente no título desta dissertação que aponta o Hip Hop como uma temática possível de ser desenvolvida nas aulas de Educação Física no contexto escolar. A construção das Unidades de Contexto, trazidas por aspectos presentes no Hip Hop que suscitam o trato pedagógico no meio escolar, demonstra a força da afirmação de que o Hip Hop é uma possibilidade temática a ser desenvolvida no meio escolar.

Esses resultados direcionam nosso olhar para o problema anunciado no início da pesquisa: o Hip Hop aparece no discurso dos professores quando eles são inquiridos sobre quais temáticas abordam em suas práticas pedagógicas? O fato de apenas dois professores afirmarem trabalhar com o Hip Hop em suas aulas, mesmo apresentados como Street Dance, indica uma resposta negativa à pergunta feita. Mas, a simples negação não revela a impossibilidade tanto dessa atividade como proposta para a escola, como também não declara que os professores não desenvolvem essa manifestação cultural em suas aulas.

Essa dissertação, mais do que investigar se os professores declaram o Hip Hop como prática pedagógica, buscou identificar se há indícios do trato pedagógico com essa temática ou com outras manifestações culturais que dela se aproximam.

Como visto na revisão de literatura, não há trabalhos específicos desse tema, que tenham tido como objetivo principal a construção de procedimentos pedagógicos com vistas a abordagem do Hip Hop para as aulas de Educação Física. Nesse contexto, os dois professores que afirmam trabalhar diretamente com o Hip

Hop podem ter se baseado nos documentos oficiais que expõem esta prática. Assim, pode-se afirmar que esses documentos representam um avanço, pois pode ter possibilitado aos professores conhecer, de fato, novas temáticas.

A combinação do resultado que indica uma diversificação das temáticas abordadas pelos professores em suas aulas, com os dados que declaram que apenas dois professores desenvolvem o Hip Hop pode apontar para uma nova direção nas pesquisas que tratam da Educação Física escolar. Ou seja, ao menos no discurso, os professores afirmam trabalhar com o eixo temático defendido pela maioria dos pesquisadores que se dedicam a esse campo de conhecimento.

Por outro lado, poucos professores apresentam os conteúdos que desenvolvem, de acordo com nossas definições de tema e conteúdo, pois citam apenas os temas que permeiam suas práticas. Isso demonstra a falta de clareza conceitual dessas questões já que a pergunta se referia aos conteúdos desenvolvidos em suas aulas.

Isso nos sugere, portanto, a necessidade de se desenvolver mais pesquisas que desvelem o conhecimento dos professores sobre temas/conteúdos, ressaltando as diversificações existentes no campo da Educação Física, bem como, as possibilidades de desenvolvimento de aulas na perspectiva do trato de novos temas para o universo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de que, entre todos os professores que participaram da pesquisa, apenas dois citaram diretamente desenvolver o tema Street Dance em suas aulas, pode ser analisado de diferentes maneiras. Por um lado, não é possível afirmar que apenas dois professores tratam pedagogicamente o Hip Hop em suas aulas, pois, as outras categorias organizadas sugerem que essa temática possa acontecer, afinal, o Hip Hop é uma atividade ritmada que pode ser interpretada como dança, e que também se apresenta como atividades socioculturais. Os professores que afirmam desenvolver seus conteúdos nos moldes preconizados pelos documentos oficiais abrem espaço para a adoção de temáticas intrínsecas à cultura do aluno, entre as quais o Hip Hop pode ser destacado.

Nesse sentido, a resposta ao problema de pesquisa não se enquadra como positiva ou negativa, mas declara avanços na leitura dos temas desenvolvidos pelos professores, propiciados pela interpretação dos dados.

Ao iniciar a descrição deste projeto de pesquisa tínhamos como premissa que o Hip Hop não era desenvolvido nas aulas de Educação Física. Mas, fazia-se necessário uma leitura sobre a literatura disponível a respeito da atuação dos professores de Educação Física, bem como, da formação que é oferecida aos professores que atuam na escola básica. Na revisão de literatura sobre Educação Física escolar identificamos que há no léxico científico da área um legado que indica o trato pedagógico com temas que engendrem o contexto vivencial do aluno, e esse ponto de vista justifica a adoção do Hip Hop. Este legado teve seu início na grande crise de identidade da área, em meados da década de 1980 e, foi consolidado na comunidade científica da área na década de 1990. Coletivo de Autores (1992) e

Daolio (1995) são obras que defendem de modo decisivo a valoração da cultura do aluno no planejamento das aulas de Educação Física desenvolvidas no meio escolar.

É possível afirmar que no fim da década de noventa o eixo temático composto por jogos, danças, lutas, esportes e ginásticas tornou-se consensual nos meandros acadêmicos de nossa área de conhecimento. Por outro lado, este eixo temático não havia alterado de modo significativo a prática pedagógica dos professores que atuam nas escolas de educação básica. Suas práticas, na maioria das vezes, eram direcionadas a modalidades esportivas coletivas, conforme revelam várias pesquisas sobre o tema.

Mesmo acreditando que a chave para a adoção do Hip Hop nas aulas de Educação Física é a construção de um trabalho que desenvolva possibilidades de trato pedagógico com a temática, ainda não sabia se a adoção do Hip Hop por parte dos professores de Educação Física era real, ou não. O fato deles desenvolverem, ou não, o Hip Hop em suas aulas era apenas um dado empírico, passível, portanto, de comprovação científica.

Era necessário conhecer quais os temas e conteúdos são desenvolvidos pelos professores em suas aulas. Minha curiosidade epistemológica me conduziu a questionar se o Hip Hop aparecia na fala desses sujeitos quando estes são inquiridos sobre sua prática pedagógica.

Os dados obtidas junto aos 67 professores que responderam o questionário, indicam claramente que a maioria dos professores não adotam o Hip Hop como temática em suas aulas. Mas, é possível considerar um avanço nas mesmas respostas obtidas junto aos professores, pois eles revelam temas e

conteúdos ligados ao eixo temático que ressalta os aspectos culturais dos alunos, fator amplamente divulgado na comunidade científica da Educação Física.

Desse modo, não se pode mais afirmar, ao menos no universo adotado para a construção desta pesquisa, que os temas e conteúdos desenvolvidos pelos professores estão restritos apenas a modalidades esportivas coletivas. Fato que aproxima a prática pedagógica desses professores a manifestações culturais que podem ser encontradas no universo vivencial do aluno.

Em relação à falta de clareza conceitual sobre tema e conteúdo, no entanto, não é de exclusividade dos professores, pois pode ser identificada, como explicitado anteriormente, nas próprias publicações da área.

Não é possível afirmar que o Hip Hop é desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar, porém, de acordo com as respostas dos professores e a construção das unidades de contexto também não é possível dizer que o Hip Hop não aparece nas aulas desses professores.

É fundamental enfatizar a relevância de se conhecer, ao menos no campo do discurso, os temas e os conteúdos desenvolvidos por professores que atuam no ensino básico, tanto para os pesquisadores e pensadores da área, como para os próprios professores que ali trabalham. Não se pode mais partir do pressuposto que eles trabalham apenas com modalidades esportivas.

A construção dessa dissertação endossa as pesquisas que são direcionadas à alteração da prática pedagógica de professores de Educação Física, pois, ao menos no contexto pesquisado, os professores revelam trabalhar com manifestações culturais presentes no eixo temático proposto por diferentes autores e adotado nos documentos oficiais que fornecem parâmetros para a prática pedagógica do professor.

Do ponto de vista do rigor científico, havia necessidade da construção de um trabalho que demonstrasse esse avanço no discurso dos professores e que incitasse a criação de trabalhos que tenham como objetivo preencher novas lacunas que se desvelam. Entre elas, pode-se destacar a falta de domínio na conceituação de tema e conteúdo e, a apresentação de novas possibilidades temáticas.

O próximo passo será elaborar meios para a adoção do Hip Hop como temática nas aulas de Educação Física escolas, uma vez que a tese trazida no título desta dissertação que aponta o Hip Hop como possibilidade temática foi comprovada pelas duas vias de análise adotadas neste estudo: a revisão de literatura e a pesquisa de campo.

Fica o convite para aqueles que compartilham de valores acadêmico-científicos parecidos com os meus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADÃO, S. R. **Movimento Hip Hop: A visibilidade do Adolescente Negro no Espaço Escolar** Dissertação de Mestrado, UFSC, 2006.
2. ALVES, C. **Pergunte a quem conhece: Thaíde** São Paulo Labortexto Editorial, 2004.
3. ANDRADE, E. N.(org.) **Rap e educação rap é educação** São Paulo, Summus, 1999.
4. ANDRADE, E.N. **Hip hop: movimento negro juvenil**. In: Andrade, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
5. ANDROUTSOPOULOS, J. SCHOLZ, A. Spaghetti Funk: Appropriations of Hip-Hop Culture and Rap Music in **Europe in Popular Music and Society**, Vol. 26, No. 4, 2003.
6. ANDROUTSOPOULOS, J.; SCHOLZ, A. Spaghetti Funk: Appropriations of Hip-Hop Culture and Rap Music in Europe in: **Popular Music and Society**, Vol. 26, No. 4, 2003.
7. AVILA, A. B.; OLIVEIRA, P. D. L.; PEREIRA, L. Hip Hop e Cultura: revelando algumas ambigüidades In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. **Práticas Corporais: Experiências em Educação Física para outra Formação Humana**. Florianopolos, Nauemblu Ciência e Arte, p.47-67, 2005.
8. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, **2007**.

9. BASTOS, P. N. **Movimento Hip Hop do ABC Paulista: sociabilidades, intervenções, identificações e mediações sociais, culturais, raciais, comunicacionais e políticas.** Dissertação de Mestrado, USP, Escola de Comunicação e Artes, 2008.
10. BETTI, M. Motricidade Humana e Cultura Corporal de Movimento na constituição dos projetos de Educação Física in: **I Congresso Internacional de Epistemologia da Educação Física**, São Paulo, 2006.
11. BETTI, M. **O que a Semiótica inspira ao ensino da Educação Física.** Discorpo, São Paulo, n.3, p. 25-45, 1994.
12. BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1o. e 2o. graus .** São Paulo, SP: Movimento, 1991.
13. BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica,** Edupe, Recife, p. 97-106, 2005.
14. BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio.** Brasília, DF, 2006.
15. BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1998.
16. BRODER, C. J. Hip Hop and Identity Politics in Japanese Popular Culture in **Asia Pacific: Perspectives** Volume VI · Number 2, p. 39-43, 2006.
17. CELANTE, A. R. **Educação física e cultura corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no Ensino Médio.** 2000. 174 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

18. CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

19. CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

20. COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

21. DAOLIO, J. . Educação Física escolar: Em Busca da Pluralidade in **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. Supl.2, p. 40-42, 1996.

22. DAOLIO, J. **Cultura Educação Física e Futebol** Campinas SP, Unicamp, 2003.

23. DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papyrus, 1995.

24. DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. 1ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

25. DIAS, R.; ALVES, F. S. A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop. **Motriz** (Rio Claro), Rio Claro SP, v. 10, n. 1, p. 01-07, 2004.

26. ENGEL, L. Body Poetics of Hip Hop Dance Styles in Copenhagen in: **DANCE CHRONICLE**, 24(3), pp. 351–372, 2001.

27. EVANS, D. "It's Bigger Than Hip Hop": Popular Music and the politics of the Hip Hop generation. Dissertação de Mestrado. University of Missouri-Columbia, Columbia, 2007.
28. FERREIRA, T. M. X. **Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2005.
29. FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola** Dissertação de Mestrado, UNESP Rio Claro, 2008.
30. GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas 2006.
31. GOHN, M. G. M. **Não-Fronteiras: Universos da Educação Não-Formal**. ed. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007.
32. GUSTSACK, F. **Hip Hop: educabilidades e traços culturais em movimento** Tese de Doutorado, UFRGS, 2003.
33. HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000.
34. HONORATO, T. **A Tribo Skatista e a Instituição Escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica** Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba, 2005.
35. HUNGER, D.; VALDERRAMAS, C. G. M. Professores de Street Dance do estado de São Paulo: formação e saberes in: *Motriz, Rio Claro, v.15 n.3 p.515-526, jul./set. 2009.*

36. IÓRIO, L. S. **Capoeira e Educação Física escolar: novos olhares e perspectivas**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro, 2004.
37. KHUN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas** 3ed, Perspectiva, São Paulo, 1990.
38. KUNZ, E. Entrevista com o Professor Dr. Elenor Kunz in: **Pensar a Prática** 4: 1-17, Jul./Jun. 2000-2001.
39. KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
40. LAVILLE, C.; DIONNE, J.; SIMAN, L. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas** . Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
41. MAGRO, V. M. de M. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. Cad. CEDES, Ago 2002, vol.22, no.57, p.63-75.
42. MAUSS, Marcel, (1974). As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU. p. 209-233.
43. McLAREN, P. **Pedagogia Revolucionária na Globalização** São Paulo, DP&A, 2000.
44. MOREIRA, W. W. **Educação física & esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Ed. Papirus, 1999.

45. MORENO, R. C. **As Mutações da experiência militante: um estudo a partir do movimento Hip Hop de Campinas** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2007.
46. NIXON, W. S. T.; GALBRAITH, M.; BINDON, J. Rocking the Beat: B-boys' and B-girls' Reflections on Identity and the Cultural History of the Hip Hop Dance Bboying. In: **Rocking the Beat**, 2003.
47. NOVAES, R. Hip Hop o que há de novo? In: **Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs**. GTGênero Plataforma de Contrapartes/ SOS CORPO Gênero e Cidadania, Recife – PE, 2002.
48. OLIVEIRA, M. A. T. Existe espaço para o ensino de Educação Física na Escola Básica? In: **Pensar a Prática 2**: 119-135, Jun./Jun. 1998/1999.
49. PARANÁ. **Livro Didático de Educação Física**. SEED-PR, Paraná, 2006.
50. PARDUE, D. Putting Mano to Music: The Mediation of Race in Brazilian Rap In: **Ethnomusicology Forum**, Vol. 13, Número 2, pp. 253 – 286, 2004.
51. PARDUE, D. Writing in the margin: Brazilian hip-hop as na educational Project. **Antropology & Education Quarterly**, v. 4, p. 411-432, 2004.
52. PAZ TELLA, M. A. Rap, Memória e Identidade in: ANDRADE, E.N. **Hip** In: Andrade, E. (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999. pp. 55 – 63.
53. RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

54. ROCHA, J. DOMENICH, M. CASSEANO, P. **Hip Hop A periferia grita** São Paulo, Perseu Abramo, 2001.
55. ROSE, T. **Black Noise: Rap Music & Black Culture in Contemporary America**. Hannover/ London: University Press of New England, 1994.
56. ROTTA, D. C. **O Hip Hop (en) cena: problemática do corpo, da cultura e da formação** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006.
57. ROTTA, D.; NIEMEYER, C.; PARDO, E.; RIGO, L.; SILVEIRA, T. Da Produção Estética à (re)construção urbana: tatuagens do Hip-Hop. **Revista da Educação Física/UEM**, 2008. Disponível em:<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3708/2547>>. Acesso em: 13 mai. 2009.
58. SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física** / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.
59. SILVA, J. C. G. Arte e Educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano in: Andrade, E. (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999. pp. 23 – 38.
60. SOUZA, I. C. **A contribuição da cultura Hip Hop para a Educação Escolar no ensino básico: O processo educativo na cultura Hip Hop** Trabalho de Conclusão de Curso, São Paulo, 2006.

61. SOUZA, I. C. e NISTA-PICCOLO, V. L **Hip Hop e Educação Física escolar: Possibilidades de Novas Tematizações** in: I Congresso Brasileiro Científico Popular de Educação Física CAEF FCT/ UNESP, 2006.
62. TELLA, M. A. P. Rap, Memória e Identidade. In: ANDRADE, E. L. (Org.). **Rap e Educação, Rap é Educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999, v. 1, p. 55-63.
63. TOLEDO, E. **Proposta de Conteúdos para a Ginástica Escolar: um paralelo com a teoria de Coll** [Dissertação de Mestrado], Campinas – SP, 1999.
64. TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed Petrópolis: Vozes, 2003.
65. VALDERRAMAS, C. G. M.; HUNGER, D. A. C. F. Professores de Street Dance do Estado de São Paulo: formação e saberes. **Motriz**, v. 15, p. 1-12, 2009.
66. VALDERRAMAS, C. G. M.; HUNGER, D. Origens Históricas do Street Dance in: **Lecturas EFDeportes**, Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 104 - Enero de 2007.
67. VARGAS, S. Diferentes Linguagens na Educação Física: Hip Hop na escola. Relato de Experiencia. In: **Lecturas EFDeportes**, Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 90 - Noviembre de 2005.
68. WELLER, W. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. **Caderno CRH**, v. 17, n. 40, p. 103-115, jan./abr. 2004.

69. XIMENES, T. M. **Hip Hop e Educação: Mesma Linguagem, Múltiplas falas** dissertação de mestrado, UNICAMP, 2005.

70. Zeni, B. “*O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*” in **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP. 2004, p. 225-41.

Anexo 1

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**

AMC - Serviços Educacionais Ltda
Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP
CEP 03166-000
PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“OS CONTEÚDOS, OS MÉTODOS E A AVALIAÇÃO DESENVOLVIDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um estudo com as escolas da rede pública da DE Centro Sul da cidade de São Paulo”

1 – Identificação do Responsável pela execução da pesquisa:

Grupo: GEPEFE

Orientador e responsável: Prof. Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo/Prof. Ivan Candido de Souza

Telefones de contato: 11 8303-7300

Orientador: Prof. Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo

INSTITUIÇÃO: Universidade São Judas Tadeus

INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE:

Convidamos os Srs.(a) professores de Educação Física das escolas pertencentes à Diretoria de Ensino Centro-Sul a participar deste estudo, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE da Universidade São Judas Tadeu.

Os objetivos da pesquisa são: levantar um diagnóstico da formação dos professores, por meio de extensa análise documental de todas as Instituições de Ensino Superior que titulam o licenciado em Educação Física em todo o estado de São Paulo, e analisar aspectos importantes na atuação dos professores de Educação Física nas escolas que integram a Diretoria de Ensino da região Centro-Sul. A partir desses dados buscamos elencar os maiores problemas encontrados pelos professores, cruzando com os dados de sua formação, e assim, apresentá-los num evento específico a ser realizado na USJT, em 2010, onde será desenvolvido um curso de aperfeiçoamento para esses professores, oferecido gratuitamente.

O questionário, que segue em anexo, é composto de três grandes partes: dados da escola, que visam nos dar parâmetros de análise das possibilidades que o professor tem para desenvolver suas práticas pedagógicas; da formação do professor, com a intenção de identificar até que ponto sua formação colaborou com sua atuação nas escolas; e questões que permeiam as aulas de Educação Física na escola, visando pontuar conteúdos e método desenvolvidos, assim como meios de avaliação dos alunos nessa disciplina.

Duas Dissertações de Mestrado estão sendo desenvolvidas sobre as competências e habilidades do professor e sobre os conteúdos e métodos por ele aplicados, e uma Tese de Doutorado que analisa como se dá a avaliação em Educação Física Escolar.

O questionário deverá ser respondido via Internet pelos professores que, após concordarem em responder, devem assinar o termo de consentimento livre esclarecido. Todas as orientações sobre o questionários são dadas ao professor no próprio link do site da USJT, onde, em breve, ele encontrará o questionário a ser preenchido. É possível também organizarmos um encontro na USJT, para uma explicação sobre todo o desenvolvimento do projeto, ainda nesse semestre, quando aqueles que quiserem poderão acessar e responder de imediato o questionário em nossos próprios computadores que estarão disponibilizados para esse fim.

Após leitura dos itens citados anteriormente, estou ciente que:

- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa por meio do telefone (11) 2799-1665;
- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof^a. Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo sempre que julgar necessário pelo telefone (011) 2799-1917;

- Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Nome por extenso (letra de forma):

Assinatura: _____

São Paulo, _____ de _____ de 2009.

Profa. Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo

Coordenadora do Projeto / do GEPEFE / do PPGEDF-USJT

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO(S) PESQUISADOR(S)

Nós, membros do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE, da Universidade São Judas Tadeu, responsáveis pela pesquisa denominada “Os conteúdos, os métodos e a avaliação desenvolvidos nas aulas de educação física escolar: um estudo com as escolas da rede pública da DE Centro Sul da cidade de São Paulo”, declaramos que:

- assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o objetivo previsto na pesquisa;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade do COEP/USJT;
- não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;

- os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicação em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- o COEP/USJT será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão do trabalho com a devida justificativa.

São Paulo, 12 de agosto de 2009.

Nome: Prof^a. Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo
CPF:

Anexo 2**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA INSTITUIÇÃO**

Declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado “Os conteúdos, os métodos e a avaliação desenvolvidos nas aulas de Educação Física escolar: um estudo com as escolas da rede pública da DE Centro Sul da cidade de São Paulo”, sob a responsabilidade dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE, orientado pela Prof^a Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo, que o Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, do Curso de Mestrado em Educação Física, assume a responsabilidade de zelar para que os pesquisadores cumpram os objetivos do projeto, por meio de acompanhamento do departamento de origem do(s) pesquisador(s) e relatório anual enviado ao COE/USJT.

São Paulo, 27 de março de 2009.

De acordo
Ciente

Coordenador/Diretor da Área: Vilma Nista-Piccolo
Prof(a):
CPF no.

São Paulo, 19 de maio de 2009

À Dirigente da Regional de Ensino
Centro-Sul
Profa Maria Isabel Faria

Após a aprovação do Projeto de Pesquisa “**A Formação e a Atuação do Professor de Educação Física**”, elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE – que integra o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, pelo Edital nº 001/2008 - CAPES/INEP/SECAD, vimos até V.S. solicitar autorização para aplicação de questionários aos professores de Educação Física do ensino fundamental nas duas fases, das escolas pertencentes a essa Diretoria.

Os objetivos da pesquisa são: levantar um diagnóstico da formação desses professores, por meio de extensa análise documental de todas as IES que titulam o licenciado em Educação Física em todo o estado de São Paulo, e analisar aspectos importantes na atuação dos professores de Educação Física nas escolas que integram a Diretoria de Ensino da região Centro-Sul. A partir desses dados buscamos elencar os maiores problemas encontrados pelos professores, cruzando com os dados de sua formação, e assim, apresentá-los num evento específico a ser realizado na USJT, em 2010, onde será desenvolvido um curso de aperfeiçoamento para esses professores, oferecido gratuitamente.

O questionário, que segue em anexo para sua análise, é composto de três grandes partes: dados da escola, que visam nos dar parâmetros de análise das possibilidades que o professor tem para desenvolver suas práticas pedagógicas; da formação do professor, com a intenção de identificar até que ponto sua formação colaborou com sua atuação nas escolas; e questões que permeiam as aulas de Educação Física na escola, visando pontuar conteúdos e método desenvolvidos, assim como meios de avaliação dos alunos nessa disciplina.

Duas Dissertações de Mestrado estão sendo desenvolvidas sobre as competências e habilidades do professor e sobre os conteúdos e métodos por ele aplicados, e uma Tese de Doutorado que analisa como se dá a avaliação em Educação Física Escolar.

O questionário deverá ser respondido via Internet por, ao menos, um professor de cada instituição, o qual, após concordar em responder, deve assinar o termo de consentimento livre esclarecido. Todas as orientações são dadas ao professor no próprio link do site da USJT, onde, em breve, ele encontrará o questionário a ser preenchido. É possível também organizarmos um encontro na USJT, para uma explicação sobre todo o desenvolvimento do projeto, ainda nesse semestre, quando aqueles que quiserem poderão acessar e responder de imediato o questionário em nossos próprios computadores que estarão disponibilizados para esse fim.

Nosso projeto será encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da USJT assim que recebermos sua autorização para aplicação dos questionários.

Fico no aguardo de sua resposta, assim como da disponibilidade do encontro com os professores para maiores esclarecimentos.

Coloco-me à disposição para eventuais dúvidas.

Sem mais, atenciosamente



Prof. Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo
Coordenadora do Projeto / do GEPEFE / do PPGEDF-USJT

Anexo 3

Questionário

Nome do Professor:

Endereço:

Telefone: _____

Email: _____

Nome da

Escola: _____

ESCLARECIMENTOS:

Prezado Professor,

Solicitamos que preencha as questões apresentadas respondendo com toda sinceridade para que a pesquisa possa apresentar os dados coerentes com a verdade.

O seu nome e o da sua escola serão sempre mantidos em sigilo, sendo identificados por siglas, nomeadas sem qualquer relação com sua identidade.

O questionário, que segue abaixo, é composto de três grandes partes: dados da escola, que visam nos dar parâmetros de análise das possibilidades que o professor tem para desenvolver suas práticas pedagógicas; da formação do professor, com a intenção de identificar até que ponto sua formação colaborou com sua atuação nas escolas; e questões que permeiam as aulas de Educação Física na escola, visando pontuar conteúdos e método desenvolvidos, assim como meios de avaliação dos alunos nessa disciplina.

Caso surjam dúvidas ao preencher os dados poderá nos enviar um e-mail para prof.vilmanista@usjt.br.

PARTE I : DADOS DA ESCOLA

Preencha os dados abaixo relacionados à infra-estrutura de sua escola e aos materiais que ela possui.

RECURSOS MATERIAIS DA ESCOLA

Abaixo existe uma relação de materiais que podem ser encontrados em algumas escolas. Coloque **X** à frente do material existente em sua escola, e assinale **(S) SIM** caso você o utilize em suas aulas de Educação Física, e **(N) NÃO**, se você não usa esse material.

(S) OU (N)

- | | |
|--|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> Arcos – (bambolês) | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Banco sueco | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bastões | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Colchões p/ ginástica | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Coletes | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Cones | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Cordas | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Mini-tramp | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Plintos | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Raquetes | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Borracha | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Meia | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Plástico | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Ping-Pong | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Tênis de Campo | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Gin.Rítmica | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Futsal | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Handebol | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas de Vôlei | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas Basquete oficial | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Bolas Basquete Mini | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Outros: | Quais? _____ |

Jogos de salão:

- | | |
|---------------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> Xadrez | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Dama | <input type="checkbox"/> |

INFRA-ESTRUTURA DA ESCOLA (coloque apenas um X)

1. Sua escola tem quadra? () sim () não
2. Você a utiliza durante as aulas de Educação Física? () sim () não
Em caso de sim, responda os itens abaixo. Essa quadra:
 - 2.1 É coberta ou descoberta:** () coberta () descoberta
 - 2.2 Rede de iluminação:** () tem e funciona () tem, mas não funciona
() não tem
 - 2.3 Como é o piso:** () áspero () escorregadio () adequado
 - 2.4 Dimensão para as aulas:** () pequena () apropriada () muito boa
 - 2.5 Acessórios utilizados nas aulas:**
() poste de vôlei () tabela de basquete () aro de basquete ()
trave de gol
3. Sua escola tem pátio? () sim () não
4. Você tem autorização para utilizá-lo nas aulas de Educação Física? () sim
() não
5. Você o utiliza para as aulas de Educação Física?
Em caso de sim, responda os itens abaixo. Esse pátio é:
 - 5.1 É coberto ou descoberto:** () coberto () descoberto
 - 5.2 Como é o piso:** () áspero () escorregadio () adequado
 - 5.3 Dimensão para as aulas:** () pequeno () apropriado () muito bom
 - 5.4 Espaço:** () é totalmente livre () é passagem de alunos
6. Existem espaços alternativos para as aulas de Educação Física? () sim
() não
() piscina () sala de ginástica () sala de judô () sala de vídeo
() outros: _____
7. Em sua opinião, a estrutura da escola e os materiais oferecidos para Educação Física são adequados para você dar aulas? Por quê?

PARTE II: DADOS DO PROFESSOR

1. Idade: () 20-30 anos () 31-40 anos () 41-50 anos () acima de 51 anos

2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura () Licenciatura e Bacharelado

3. Coursou a graduação em qual instituição?

4. Ano de conclusão do seu curso: _____

5. Em sua opinião o curso de Educação Física que você fez apresentava um enfoque mais forte numa:
 - () Dimensão biológica
 - () Dimensão esportiva-técnica
 - () Dimensão humanística
 - () Dimensão pedagógica (visão educacional)

6. Em sua opinião o curso de Educação Física que você fez tinha uma vertente:
 - () Essencialmente teórica
 - () Essencialmente prática
 - () Mesclado teórico – prático

7. Você já fez algum curso de especialização? () sim () não
 Se sim, em qual instituição?

 Sobre o que foi o curso? _____
 Quando concluiu? _____

8. Tem participado de congressos/simpósios/cursos da área de Educação Física? () sim () não.
 Se sim, qual foi o último que você esteve?

 Quando foi? _____

9. Qual foi o último livro que você leu?

Sobre o que tratava o livro?

Quando foi? _____

10. Você está inscrito no CREF/SP? () sim () não

11. Tempo de exercício na rede estadual paulista: _____ anos, _____ meses.

12. Tempo de exercício docente nesta escola:

() 0-2 anos () 3-5 anos () 6-10 anos () 11-15 anos () mais de 15 anos

13. Você teve alguma dificuldade ao iniciar sua carreira como professor de Educação Física?

() sim () não. Se sim, escreva sobre essa dificuldade.

14. Você acha que a sua formação acadêmica o preparou de forma adequada para atuar na escola?

() sim () não. Por quê?

15. Você já participou de alguma pesquisa em sua escola? O que acha sobre isso?

PARTE III: PRÁTICAS ADOTADAS

1. Se você tivesse que classificar sua aula de EDUCAÇÃO FÍSICA nessa escola nos itens abaixo, como seria?

Fraco Regular Bom Muito Bom Excelente

2. Se você tivesse que classificar sua participação na organização da escola, como seria?

Fraco Regular Bom Muito Bom Excelente

3. Se você tivesse que classificar a participação da Educação Física em todo o Projeto Pedagógico da escola, como seria?

Fraco Regular Bom Muito Bom Excelente

4. Como você elabora o planejamento das suas aulas?

Define sozinha

É elaborado em conjunto com outros professores de Educação Física

Tem a participação de alguém da direção

5. Você se apóia em alguma tendência pedagógica para orientar seu planejamento?

sim não

Se sim, em qual? _____

6. Como você define os conteúdos trabalhados em suas aulas?

7. Você usa os documentos da Secretaria de Educação? sim não

Por quê? _____

Como? _____

Quais

conteúdos? _____

8. Quais são os conteúdos que você desenvolve em suas aulas de Educação Física?

9. Qual o método adotado em suas aulas? Explique “como” desenvolve os conteúdos escolhidos para ensinar seus alunos.

10. Em sua opinião, quais são os objetivos principais das aulas de Educação Física para as séries com as quais você trabalha?

11. Em sua opinião, quais são as contribuições da Educação Física para a formação dos alunos?

12. Como você identifica que o objetivo de sua aula foi atingido?

13. Você avalia seus alunos? De que forma? Quando você avalia?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)